



RELATORIO TECNICO PROUFBA ENCOMENDA 2012

**Perfil dos Alunos e Monitoramento da Inserção Profissional de Egressos
do Curso de Graduação em Saúde Coletiva – ISC/UFBA**

Relatório final de pesquisa em estilo monográfico
referente a projeto de pesquisa submetido ao EDITAL
PROPCI-PROEXT-PROPG/ UFBA 01/2012 –
PROUFBA ENCOMENDA 2012, na temática “Perfil
do Alunado, dos Ingressos e dos Egressos da UFBA”,
aprovado em 22/05/2013.

Docentes pesquisadores da equipe principal (ordem alfabética):

Ana Cristina Souto
Isabela Cardoso Pinto
Litza Andrade Cunha
Marcelo Castellanos
Monique Experidião
Sheila Maria Alvim de Matos (Coordenadora)

**Estudantes de iniciação científica, mestrado e doutorado vinculados ao projeto
(ordem alfabética):**

Amanda Dourado Mira
Ariel Bruno Martinez
Cintia Maria Barreto dos Santos
Davllyn Santos Oliveira dos Anjos (Mestrando)
Fernanda da Silva Alves
Jamile Rafaela Pereira da Silva Barreto
Liliana Santos (Doutoranda)

Salvador, 2014



SUMÁRIO

	Páginas
APRESENTAÇÃO	12
INTRODUÇÃO	13
Formação em Saúde Coletiva: A experiência do Instituto de Saúde Coletiva/ISC-UFBA	15
METODOLOGIA	17
RESULTADOS	19
Formação e exercício profissional em Saúde Coletiva: Interesse e expectativa discente	23
Resultados: Formação e exercício profissional em Saúde Coletiva	24
Resultados obtidos com questionário Estruturado	24
Resultados obtidos com os grupos focais e entrevistas narrativas realizadas com gestores estaduais e municipais	27
Trajetória social, familiar e política do egresso em Saúde Coletiva	34
Resultados: Trajetória social, familiar e política	34
Resultados obtidos com o questionário estruturado	34
Resultados obtidos com as entrevistas narrativas	36
Identidade profissional dos discentes e egressos do curso de graduação de Saúde Coletiva	55
Resultados: Identidade profissional	59
Perfil do graduando em Saúde Coletiva e o mercado de trabalho em	61
Resultados: Mercado de trabalho em saúde	
Resultados: Análise dos egressos 2012.2 com relação ao mercado de trabalho	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
ANEXOS	
ANEXO I- Termo de consentimento livre e esclarecido	71
ANEXO II- Questionário de entrevista estruturada	79
ANEXO III- Roteiro dos grupos focais	82
ANEXO IV- Roteiro para entrevista com alunas que participaram de movimentos estudantis enquanto graduandas do CCGSC	83



APRESENTAÇÃO

Este relatório apresenta os principais reflexões e resultados do estudo do Perfil dos Alunos e Monitoramento da Inserção Profissional de Egressos do Curso de Graduação em Saúde Coletiva – ISC/UFBA. Este curso foi aberto na UFBA em 2009, com a oferta de 45 vagas anuais, em período noturno, duração de quatro anos e proposta de formação interdisciplinar de profissionais de saúde que poderão atuar colaborativamente na defesa do Sistema Único de Saúde e da Reforma Sanitária Brasileira. Sua implantação decorreu do acúmulo de reflexões e debates sobre a temática no campo da Saúde Coletiva, e representa a possibilidade de menor itinerário formativo e menor custo institucional, com maior impacto numérico em termos de egressos, uma vez que as diversas estratégias de formação, tradicionalmente presentes no campo da Saúde Coletiva, pressupõem uma graduação anterior e um curso de especialização na área.

Estudou-se o perfil do alunado e dos egressos do Curso de Graduação em Saúde Coletiva da UFBA no ano de 2013, tendo em vista suas características sócio-econômicas, trajetória social, familiar e política, interesses e expectativas em relação à formação e atuação profissional em Saúde Coletiva, assim como a relação desses aspectos com as experiências formativas ocorridas ao longo do curso e destas com as inserções profissionais almejadas e/ou realizadas. Desenvolvido na UFBA, a execução desta pesquisa só foi possível mediante financiamento e apoio institucional da Universidade e do Instituto de Saúde Coletiva, participação de docentes pesquisadores do Instituto e bolsistas de iniciação científica.

Ressalta-se que ao mesmo tempo em que esta pesquisa foi desenvolvida, o Curso de Graduação em Saúde Coletiva da UFBA foi avaliado pelo Ministério da Educação e recebeu nota máxima (cinco), sendo um dos pontos mais positivos da avaliação a interdisciplinaridade da formação. Com o conhecimento dos seus ingressos e egressos espera-se poder contribuir na identificação de dificuldades inerentes aos estudantes e antecipar possíveis problemas na sua formação, bem como auxiliar na melhoria dos processos e resultados do curso.



INTRODUÇÃO

A consolidação da Reforma Sanitária Brasileira (RSB) e do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil se dá em um contexto marcado por avanços e retrocessos, processos de consolidação e de fragilização (Negri e Viana, 2002), que aponta para muitos desafios, dentre os quais demandas referentes a novos perfis profissionais focados no contexto do trabalho em saúde no SUS (Brasil, 2003; Brasil, 1998; Teixeira, 1993). Assim, identifica-se uma clara demanda por um contingente expressivo de profissionais de nível superior capacitados para integrar os quadros do SUS em diversas modalidades de atuação nos âmbitos de gestão e atenção em saúde. Essa demanda dirige-se especialmente para os profissionais de Saúde Coletiva (SC), uma vez que os processos de reorientação do modelo de atenção têm enfatizado propostas de promoção da saúde e de integralidade das ações. Esses profissionais devem ser capazes de contribuir com as transformações necessárias, atuando no contexto da descentralização, da participação social e da atenção em saúde como atores e agentes de mudanças positivas nos sistemas e serviços de saúde, nos níveis central, regional e local (Paim, 2006; Bosi, 2009).

As diversas estratégias de formação, tradicionalmente presentes no campo da Saúde Coletiva, pressupõem uma graduação seguida por uma especialização na área, uma vez que compõem um leque de programas de pós-graduação *sensu lato* ou *stricto*. Assim, trata-se de estratégias que implicam um longo itinerário formativo e alto custo institucional, com baixo impacto numérico em termos de egressos (Teixeira, 2003; Bosi, 2010). Para superar esses limites, foram implantados em diferentes regiões do Brasil, diversos Cursos de Graduação em Saúde Coletiva (CGSC). Essa situação decorre do acúmulo de reflexões e debates sobre tal temática no campo, assim como da janela de oportunidade gerada pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), implementado através do Decreto nº 6.096/2007. O REUNI impulsionou a implantação dos CGSC nas universidades públicas federais do Brasil.

A Graduação em Saúde Coletiva objetiva a apreensão de fundamentos dos saberes e práticas que compõem e caracterizam esse campo, com base nas contribuições das Ciências Sociais e Humanas em Saúde, da Epidemiologia e da Política, Planejamento, Gestão e Avaliação em Saúde. Além disso, a formação pretendida focaliza noções e



valores centrais ao campo da Saúde Coletiva, tais como democracia, igualdade, dignidade humana e emancipação dos sujeitos. O alcance desses objetivos exige uma formação geral que garanta um claro enfoque em Saúde Coletiva (Koifman, 2008; Bosi, 2010).

Reconhecendo a importância da investigação sobre as características sócio-econômicas, trajetória social, familiar e política, interesses e expectativas em relação à formação e atuação profissional dos estudantes, bem como da expectativa da inserção profissional dos bacharéis em saúde coletiva, foi realizado esse estudo com os alunos e egressos da primeira turma do curso de graduação em saúde coletiva da UFBA.



Formação em Saúde Coletiva: A experiência do Instituto de Saúde Coletiva/ISC-UFBA

A redemocratização que o país vivenciou nos anos 80 com a expansão da organização popular e o surgimento de novos atores sociais gerou a ampliação das demandas sobre o Estado e iniciou um intenso movimento social pela universalização do acesso e pelo reconhecimento da saúde como dever do Estado. O movimento da Reforma Sanitária reuniu diversos atores em uma luta política para que a saúde fosse reconhecida como direito social, e todos tivessem acesso aos seus serviços, além de promover integralidade da atenção à saúde, na luta mais ampla pela construção da cidadania que marcou o final da ditadura militar (BRASIL, 2003).

Em 1986, com a concretização da 8ª Conferência Nacional de Saúde houve, pela primeira vez uma, uma reunião com representantes sociais de todo o país, culminado no avulso reconhecimento dos princípios e da doutrina do Movimento da Reforma Sanitária. Como resultado desse fortalecimento político, o Movimento conseguiu incorporar esses princípios à Constituição de 1988, assim como a designar ao Estado a responsabilidade na provisão das ações e serviços fundamentais à garantia desse direito. Dessa forma, a Constituição de 1988 criou o SUS, sistema público descentralizado, formado pelas três esferas de governo, e regulamentado pelas Leis Orgânicas da Saúde (Leis n.º 8.080/90 e n.º 8.142/90) (BRASIL, 2003).

Assim, a consolidação da RSB e do SUS brasileiro demandam um contingente significativo de profissionais de nível superior habilitados para integrar os quadros do SUS em diversas modalidades de atuação que vão desde a gestão de sistemas locais de saúde até a atenção em saúde. Essa demanda direciona-se para os profissionais de Saúde Coletiva, uma vez que a formação desses profissionais tem sido requerida para respaldar o fortalecimento dos processos de reorientação do modelo de atenção, já que são capazes de assumir os desafios dessa transformação, atuando no contexto da descentralização, da participação social e da atenção em saúde como atores e agentes de mudanças positivas na organização e funcionamento dos sistemas e serviços de saúde, nos níveis central, regional e local (UFBA/ISC, 2008).



Desse modo, mudanças em projetos políticos pedagógicos de cursos na área da saúde e afins no Brasil são necessárias e urgentes no sentido de contribuir na conformação de um sistema de saúde mais justo, equânime e que leve em conta às necessidades regionais e dos usuários e dos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS). Várias ações, estratégias e inovações educacionais, no âmbito das reformas educacionais realizadas no Brasil, têm sido adotadas no sentido de contribuir com o avanço do SUS, dentre elas destaca-se a reorientação e reorganização dos cursos de graduação da área da saúde.

Em vista da participação ativa do processo de discussão sobre a graduação em Saúde Coletiva, o Instituto de Saúde Coletiva da UFBA, implantou um curso no ano de 2009, com a oferta de 45 vagas anuais, em período noturno e duração de quatro anos, totalizando mais de 2.700 horas. Sua estrutura curricular visa articular conhecimento teórico e prático e, quanto ao modelo pedagógico, valorizar a postura ativa dos alunos nos processos de aprendizagem, pautados na relação “ação-reflexão-ação”. O curso possui, basicamente, cinco eixos teóricos horizontais, cobrindo educação e comunicação em saúde, epidemiologia e informação, promoção, vigilância à saúde, política, planejamento, gestão, avaliação e ciências sociais em saúde. Esses eixos horizontais são integrados verticalmente por amplas discussões realizadas em “seminários interdisciplinares em saúde”, assim como por “práticas integradas em saúde coletiva”. Os componentes práticos se iniciam no segundo semestre e se alongam até o último ano, inteiramente dedicado ao estágio curricular e trabalho de conclusão de curso. Portanto, o CGSC pretende uma formação interdisciplinar em saúde, focada no eixo formação/trabalho para a incorporação de saberes e práticas da Saúde Coletiva, implicando a formação de profissionais de saúde que poderão atuar organicamente na defesa do SUS e da RSB.



METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso único, prospectivo, estando circunscrita no estudo “Perfil dos Alunos e Monitoramento da Inserção Profissional de Egressos do Curso de Graduação em Saúde Coletiva – ISC/UFBA”. Os discentes foram identificados a partir de documento fornecido pela secretaria do colegiado do CGSC. Para a obtenção das informações quanto ao perfil dos discentes e egressos foi elaborado um questionário estruturado com 66 questões classificadas em quatro eixos: características sociodemográficas, trajetória familiar e política, escolha do curso e contribuições acadêmicas em relação à inserção profissional (Anexo II).

As entrevistas estruturadas foram realizadas no período de março a julho de 2013 por meio de instrumento eletrônico (*tablet*). O questionário foi aplicado a 94 discentes matriculados no semestre acadêmico de 2012.2, e dentre estes àqueles que se graduariam na primeira turma de egressos do CGSC do ISC/UFBA de 2013 (2012.2), composta por 15 participantes. Não foi realizado cálculo amostral uma vez que se buscou coletar dados de todos os discentes do CGSC matriculados em 2012.2. Desta forma, como foi trabalhada toda a população disponível não foi realizado cálculo de qualquer medida estatística probabilística. Médias, medianas e proporções foram obtidas para as variáveis em estudo sempre que pertinente. Devido ao pequeno tamanho populacional também não foi realizada estatística inferencial ou multivariada. Os dados foram captados diretamente a partir dos *tablets*, sem necessidade de digitação posterior à entrevista, tabulados e processados no programa estatístico STATA, versão 10.

Além das entrevistas estruturadas, para compreender as percepções dos estudantes sobre sua vivência no curso foram realizadas duas seções de grupos focais nos dias 17 de abril de 2013 e 16 de maio de 2013, integrando a participação de quinze discentes concluintes do CGSC. As questões abordadas com os estudantes foram sistematizadas a partir da análise preliminar das entrevistas realizadas, tendo como foco principal a vivência do curso (Anexo III). Os grupos focais possibilitaram que, partindo da interação entre os membros, questões pudessem ser esclarecidas, complementadas, reelaboradas e validadas, aprofundando as análises de produção de significados e sentidos coletivos acerca da temática em questão. Os grupos foram conduzidos por dois mediadores, um mestrando e



uma doutoranda membros da equipe não pertencentes ao quadro de professores do curso. No âmbito da tese de doutorado de Liliana Santos, foram ainda realizadas entrevistas narrativas com trabalhadores responsáveis pela acolhida dos estudantes em estágios e gestores municipais e estaduais.

Adicionalmente, estudos de caso explorados por meio de entrevistas narrativas (Anexo IV) foram realizados aos discentes não egressos para identificar possíveis relações entre a trajetória de vida e formativa dos discentes e egressos e o significado da entrada no campo da Saúde Coletiva. A adoção dessa estratégia levou em conta os resultados preliminares produzidos pelos questionários na primeira etapa de realização de entrevistas, uma vez que não foram detectados nas entrevistas estruturadas dados suficientes para análise sobre trajetória de vida.

Para análise dos grupos focais e entrevistas narrativas foi utilizado como recurso a transcrição das questões gravadas em áudio e quadro de observação dos dados qualitativos para sistematizar as observações.

O estudo foi apresentado em sala de aula a todos os alunos do CGSC pela equipe de coordenação do estudo, sendo esclarecidos sobre a liberdade de optar por não participar da pesquisa. Apenas aqueles que aceitaram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I) foram incluídos no estudo. Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA e aprovado, com o registro do protocolo: 069-12/CEP-ISC em 19/10/2012. Tendo ainda como referência de conduta ética as recomendações da Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, todos os participantes foram informados dos objetivos e estratégias metodológicas.



RESULTADOS

O CGSC possuía entrada anual por meio de vestibular até 2013.2. A população de estudo contemplou estudantes ingressos desde o primeiro semestre do curso (2009.1). Apenas discentes efetivamente matriculados em cada semestre fizeram parte do estudo, por motivos de dificuldade inerentes à entrevista e encontro presencial. Nos semestres 2010.2 e 2011.2, apenas dois discente ingressaram no curso, não tendo realizado matrícula em 2010.2. O maior percentual de entrevistas não realizadas ocorreu com discentes do semestre 2010.1 (31,3%) por motivos de recusa ou por não terem sido encontrados para aplicação do questionário. Todos os 15 egressos de 2012.2 foram entrevistados (Tabela 1).

Tabela 1. População de estudo por semestre de entrada no CGSC-UFBA e situação de realização das entrevistas. Salvador, 2013.

Semestre de entrada	Total discente		Não matriculados		Entrevistas realizadas*		Entrevistas não realizadas**	
	n	%	n	%	n	%	n	%
2009.1	11	8,8	2	18,2	7	77,8	2	22,2
2010.1	35	28,0	3	8,6	22	68,8	10	31,3
2010.2	1	0,8	1	100,0	0	-	-	-
2011.1	21	16,8	1	4,8	19	95,0	1	5,0
2011.2	1	0,8	0	0,0	1	100,0	-	-
2012.1	19	15,2	4	21,1	14	93,3	1	6,7
2012.2	10	8,0	3	30,0	5	71,4	2	28,6
2013.1	12	9,6	1	8,3	11	100,0	-	-
Egressos 2012.2	15	12,0	0	0,0	15	100,0	-	-
Total	125	100,0	15	12,0	94	85,5	16	14,5

*O denominador do percentual de entrevistas realizadas e não realizadas exclui os discentes não matriculados no semestre 2012.2; **Inclui recusas e outros motivos não relacionados à recusa

A maioria dos estudantes era do sexo feminino (80,9%), possuíam entre 20 e 25 anos (46,8%), com média de 28 anos e classificaram-se como pardos (58,5%) ou pretos (30,9%). Os naturais de Salvador foram os mais frequentes (67,0%), contudo 26,6% vieram do interior da Bahia. Com relação à situação conjugal, os que se disseram casados ou que moravam com algum companheiro somaram 22,4%, sendo que 19,1% disseram morar com conjuge/companheiro. A renda familiar menor que três salários mínimos é uma realidade para quase 40% dos discentes (Tabela 2).



Tabela 2. Características sociodemográficas da população de estudo. Salvador, 2013

Características	N*	%
Sexo		
Masculino	18	19,1
Feminino	76	80,9
Idade		
20 - 25	44	46,8
26 -31	28	29,8
32 - 37	9	9,6
38 e mais	13	13,8
Raça/cor da pele		
Branca	9	9,6
Preta	29	30,9
Parda	55	58,5
Indígena	1	1,1
Naturalidade		
Salvador	63	67,0
Interior da Bahia	25	26,6
Outras localidades	6	6,4
Residência		
Mora com pais e irmãos	50	53,2
Mora com outros parentes	8	8,5
Mora com amigos e colegas	6	6,4
Residência universitária	1	1,1
Com conjugue/companheiro	18	19,1
Estado civil		
Solteiro (a)	70	74,5
Casado (a)	15	16,0
Mora com companheiro (a)	6	6,4
Divorciado (a)/separado(a)	3	3,2
Renda familiar mensal (em salários mínimos)		
< 2	18	19,1
≥ 2 e <3	19	20,2
≥ 3 e < 5	17	18,1
≥ 5 e < 6	21	22,3
≥ 6	19	20,2

* N total=94



A seguir serão apresentados separadamente em quatro seções, resultados das dimensões relativas a interesses e expectativas em relação à formação, trajetória social, familiar e política dos estudantes, identidade e atuação profissional em Saúde Coletiva, que em sua totalidade compõem os objetivos e planos de trabalho da pesquisa.

Uma breve revisão de literatura de cada subtema precederá a discussão dos resultados. Cada seção dará origem a um artigo científico, que serão submetidos na revista Educação, Trabalho e Saúde, editada pela Fundação Oswaldo Cruz - ISSN (Online) 1981-7746.



Formação e exercício profissional em Saúde Coletiva: Interesse e expectativa discente

Novas diretrizes curriculares para as profissões da saúde estão sendo construídas, com a participação de discentes, professores das instituições de ensino superior e profissionais do SUS, na busca de romper com o modelo de currículo mínimo obrigatório e transformar a formação do futuro profissional da saúde para que este esteja capacitado a atuar em uma equipe multiprofissional, considerando a integralidade da atenção à saúde (Hora *et al*, 2013). Essa nova formação profissional deve sensibilizar os profissionais para as necessidades de saúde das populações, além de saber contextualizar e resolver problemas de saúde. Silva & Tavares ainda afirmam que também devem ser capazes de assegurar seu poder decisório e a ‘manutenção de identidade cultural’ por meio da construção de projetos sociais alternativos e reivindicação de espaços ‘sócio-políticos’ (Silva & Tavares, 2004).

A expansão da educação superior contida no Plano de Desenvolvimento da Educação que tem como uma de suas ações o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), possibilitou a criação e inovação de novos cursos no ensino superior. Na área da saúde merece destaque a criação dos CGSC e dos bacharelados interdisciplinares em saúde (BIs). Atualmente são 19 CGSC¹ em funcionamento nas instituições federais e estaduais de ensino superior no Brasil.

Há quase vinte anos a proposta de criação de cursos de graduação em Saúde Coletiva no Brasil vem sendo discutida no meio acadêmico, apesar do recente movimento iniciado em 2002 para criação dos cursos (Bosi, Paim, 2010). A Saúde Coletiva é reconhecidamente um campo de saberes e práticas de caráter interdisciplinar em saúde. O objeto das políticas e práticas desenvolvidas no seu âmbito deve estar direcionado à promoção, proteção e recuperação da saúde de indivíduos e grupos populacionais (ISC/UFBA, 1994), sendo necessárias mudanças na formação do profissional que atua na saúde Coletiva para possibilitar a redefinição dos seus processos de trabalho para o alcance dos objetivos das práticas em saúde coletiva de acordo com os princípios do SUS (Paim, 2002).

¹ Segundo informações da coordenação do Fórum de Graduação em Saúde Coletiva da Associação Brasileira em Saúde Coletiva - Abrasco
Formulário: Relatório Técnico PARCIAL/FINAL



Evidencia-se neste contexto a necessidade de profissionais de nível superior que possam consolidar a Reforma Sanitária Brasileira nos quadros do SUS, especialmente integrando equipes como gestores no SUS sensibilizados a colaborar na transformação da saúde coletiva no Brasil (Teixeira, Paim, 2002). A formação desses profissionais nos cursos de graduação em Saúde Coletiva pode ser considerada um importante passo para a mudança no ensino das profissões de Saúde (Teixeira, 2003).

Resultados: Formação e exercício profissional em Saúde Coletiva

Resultados obtidos com questionário Estruturado

Dentre os principais motivos para ingressar no CGSC o mais relatado foi a identificação com a futura profissão (54,3%). A possibilidade de realizar o curso em período noturno foi motivo de escolha de 11,7% dos discentes. A remuneração no mercado de trabalho não foi atrativa para os discentes e apenas um discente referiu este motivo (Tabela 3).

Tabela 3. Principais motivos para ingresso no CGSC. Salvador, 2013

Motivos	N	%
Identificação com a profissão (vocação, realização pessoal)	51	54,3
Influência de familiares e/ou amigos	1	1,1
Busca de conhecimentos (interesse científico, pesquisa)	13	13,8
Mercado de trabalho (remuneração)	3	3,2
Curso em período noturno na área da saúde	11	11,7
Complementação de formação anterior	9	9,6
Facilidade de ingresso em curso superior	0	0,0
Facilidade de ingresso em curso superior da área da saúde	1	1,1
Outros	5	5,3

No momento da entrevista, a maioria dos discentes (42,5%) referiu já ter concluído graduação anterior ou mesmo curso de especialização. O CGSC foi primeira escolha profissional para 22,3% dos entrevistados. A enfermagem foi o curso que mais se



aproximou da escolha profissional em saúde coletiva (22,3%) e majoritariamente os discentes optaram por cursos da área da saúde (35,1%), sendo que apenas oito (8,5%) estudantes sinalizaram outras áreas que não a Saúde. A possibilidade de abandono do curso foi uma realidade para 27,7% dos entrevistados. (Tabela 4)

Tabela 4. Escolha profissional e permanência no CGSC.
Salvador, 2013

1ª Opção de escolha profissional	N	%
CGSC	21	22,3
Enfermagem	21	22,3
Medicina	11	11,7
Outros cursos da Saúde	33	35,1
Outras áreas	8	8,5
Conclusão de graduação anterior ou especialização	40	42,5
Cogitou abandonar o CGSC	26	27,7

Quando indagados sobre características que são úteis à formação universitária os discentes do CGSA são majoritariamente provenientes de escola pública (58,1%) onde cursaram o último ano do ensino médio. Uma vez como estudante de graduação a maioria (43,6%) referiu dedicação de menos de 10 horas semanais dedicadas ao curso, incluídas a carga horária em sala de aula. Ainda sobre uso do tempo, a maioria dos discentes relatou tempo de deslocamento para as aulas à noite maior que 60 minutos (26,6%) e entre 31-40 minutos (41,5%). O grupo discente do CGSC majoritariamente não possui domínio da língua inglesa (21,3%) e com relação ao Espanhol 24,5% relatou que apenas se percebeu habilitado à leitura. O francês foi o idioma alternativo ao inglês e espanhol mais relatado como boa fluência auto percebida (8,5%). Metade dos discentes já havia realizado mais de dois estágios do SUS e 26,6% estágio curricular (Tabela 5).



Tabela 5. Ensino médio e condições de dedicação ao CGSC e outras características úteis à formação. Salvador, 2013

Características	N	%
Local onde cursou o Ensino médio		
Escola pública	25	58,1
Escola privada	17	39,5
Ambas	1	2,3
Horas de estudo semanais dedicadas às disciplinas do CGSC		
2 a 10	41	43,6
10 a 20	32	34,0
Mais de 20	21	22,3
Tempo de deslocamento para as aulas à noite (em minutos)		
<5	6	6,4
6 a 30	24	25,5
31 a 60	39	41,5
>60	25	26,6
Auto avaliação do idioma inglês		
Lê, fala e entende bem	10	10,6
Apenas lê	13	13,8
Não lê, não fala, não entende	20	21,3
Auto avaliação do idioma espanhol		
Lê, fala e entende bem	14	14,9
Apenas lê	23	24,5
Não lê, não fala, não entende	11	11,7
Auto avaliação da boa fluência em francês		
	8	8,5
Realização de estágio curricular		
	25	26,6
Realização de estágios do SUS		
2 ou mais estágios*	40	42,5
	20	50,0

*Estágio VER-SUS, PET-saúde, estágio de vivências, estágio na gestão (SMS e SESAB), estágio na assistência à saúde



Resultados obtidos com os grupos focais e entrevistas narrativas realizadas com gestores estaduais e municipais

De acordo com o projeto (UFBA, 2008), o curso está estruturado em eixos temáticos que vão sendo apresentados aos estudantes em integração aos componentes de Práticas Integradas e Seminários Interdisciplinares:

A estrutura curricular do Curso de Graduação em Saúde Coletiva inclui um conjunto de atividades cujo conteúdo práticas que tratam do processo saúde-doença-cuidado e seus determinantes, das políticas e da organização dos sistemas e serviços e das práticas de promoção da saúde e da qualidade de vida. Esses conteúdos serão oferecidos de maneira presencial, em processos ensino-aprendizagem integrados, articulando-se conhecimentos teóricos e práticos, horizontalmente ao longo do desenvolvimento dos **eixos** descritos adiante, que serão trabalhados em complexidade crescente, e verticalmente nos espaços e momentos de **práticas integradas e seminários interdisciplinares**. (UFBA/ISC, 2008, p. 10)

Os componentes curriculares se organizam em torno de eixos por campo de conhecimento, sendo eles Ciências Sociais básicas e aplicadas em Saúde Coletiva; Ciências da vida e tecnológicas em saúde; Ciências da Saúde Coletiva e Conteúdos e atividades integradoras. A carga horária total do curso são 2708 horas, divididas entre 2300 horas (84,93%) para os conteúdos disciplinares e atividades curriculares obrigatórios e 408 horas (15,07%) para os conteúdos curriculares optativos e atividades complementares.

Tendo em vista as diretrizes da flexibilidade curricular e da autonomia dos estudantes, cabe refletir acerca da distribuição da carga horária entre componentes obrigatórios e optativos. A oferta noturna do Curso e a grande concentração de componentes obrigatórios restringiu as possibilidades de escolha de componentes curriculares, limitando também o trânsito dos estudantes por outras unidades acadêmicas ou até o desenvolvimento de atividades complementares, por outro lado, alguns estudantes relataram a sobreposição de conteúdos e o pouco tempo para discutir outros mais centrais para a formação, a exemplo de:

Políticas. É um conteúdo muito grande para uma carga horária muito pequena, então a gente terminou coisas que a gente não conseguia nem discutir e terminava atropelando. (EL - grupo focal)

É algo muito pesado, é algo muito puxado, eu acho que às vezes a gente não consegue nem aproveitar determinados debates e discussões dentro do próprio componente [...] E foi engraçado que eu peguei seminários no semestre passado, antes de formar e tudo aquilo que a gente queria conhecer mais e que a gente não tinha espaço no curso a gente tentou... Foi uma avaliação assim gente, tudo que a gente não consegue desenvolver no curso, a gente enxotou, colocou assim,



enxotou não, a gente injetou na verdade, porque a gente não colocou pra fora... em seminários pra poder discutir tanto aprofundar mais, aproximar a participação e controle social, por exemplo, que seria tanto, parte de... Práticas integrativas, a gente acaba tentando trazer aqueles debates, que é algo que a gente sente falta. Então as vezes fica uma coisa muito voltada pra aquele conteúdo que a gente tem que dar conta naquela formação... fica fechado, né? Até por conta da inserção anual... Ou tem uma estrutura que acaba sendo um pouco fechada, não dá tanto maleabilidade, porque você pega, é, Epidemia, um, dois, Planejamento um, dois, tudo um, dois e acaba ficando tudo muito fechadinho né? Trancadinho ali, não dá pra ter uma maleabilidade maior.(CS - grupo focal)

Na percepção do grupo de estudantes, a oferta sequencial dos conteúdos em eixos estruturantes acarretou uma sobreposição de conteúdos em detrimento da ausência de outros.

É isso! Eu, particularmente, eu concordo até com V.. em relação a essa superposição dessa, disciplina porque em alguns semestres acabava se repetindo uma coisa que dava pra gente [...] por exemplo, a I e a II foi mais produtiva né? E a III e a IV só foi apresentar o que a gente pegou na, na I e a II que poderia já ter feito em uma só. E eu achei muita falta mesmo de outras disciplinas que acabam complementando a nossa formação como Saúde do Trabalhador [...] E algumas optativas só é bem difícil de tá tendo que né? Conseguir pegar. Pouca gente podia, principalmente, é... que algumas dessas disciplinas era pra Pós-graduação e era durante o dia, né? Pegar é... Saúde do trabalhador, tive que pegar dia de sábado das 8 às 13 horas pra pelo menos ter uma ideia e entender como é a situação da saúde do trabalhador no Brasil e no Mundo, né? (DM - grupo focal)

Outra etapa do estudo compreendeu entrevistas com trabalhadores responsáveis pela acolhida dos estudantes em estágios. Ao que indica a conversa com uma das trabalhadoras da Secretaria Municipal de Saúde, a oferta do estágio curricular somente no final do curso não possibilita aos estudantes uma inserção gradual no serviço, indicando que é a *quase única* oportunidade para que o grupo se insira no cotidiano dos processos de trabalho. Talvez a preocupação da entrevistada possa estar relacionada com a criação de oportunidades de aprendizagem, ou seja, na medida em que os estudantes se aprofundam nas práticas, vão tendo oportunidades de criar questões de aprendizagem e buscar informações em uma perspectiva viva de produção de conhecimento, como indica Santos (1995) ao falar dos desafios para a construção de uma universidade mais conectada com os desafios do mundo contemporâneo.

Outro entrevistado (gestão estadual) apontou da mesma forma, a necessidade de uma inserção mais duradoura dos estudantes e de um acompanhamento mais sistemático por parte dos docentes:



Fico sempre irritado quando eu percebo que o serviço que tem essa grande, que tem esse potencial de colaborar como, por exemplo, o preceptor vir colaborar instrumentalizando os estudantes e o serviço pra que o serviço melhore o seu potencial de trabalho e isso a academia não faz. Eu acho que é uma pena, que talvez fosse o clique, o interruptor acender a luz, aquela luzinha quando você acende que é esse momento efêmero e bem pequenininho de aproximação e a academia deixa isso passar, a academia deixa isso passar. Seja pelos interesses que tem que talvez nem chega no serviço, a não servir pra o serviço, utilizar o serviço, seja porque não tem disponibilidade, porque não tem vontade, porque não tem o que não sei, não sei. Então eu acho que tem essa coisa. Eu queria muito que a gente conseguisse avançar um pouco mais nisso. E eu quero deixar claro uma coisa, nós estamos numa gestão de oportunidades, que por mais que a gente se coloque no lugar do campo democrático da participação de esquerda, a gente muitas vezes reproduz aquilo que é de direita, mas em contra partida a gente também é um espaço profícuo para construir muitas coisas importantes e que vão marcar a saúde no estado como um todo. (BG - entrevista)

A inquietação do entrevistado pode estar relacionada à dificuldade de estabelecimento de um diálogo mais orgânico com a Universidade. Alguns depoimentos destacaram a necessidade de uma maior aproximação do *corpo* do curso aos serviços, o que dá indícios de resposta às indagações realizadas no início do estudo: a conexão entre os saberes acadêmicos e do mundo do trabalho se estabelece na formação graduada em Saúde Coletiva?

A organização das atividades docentes e o desafio de conciliar ensino, pesquisa e cooperação técnica coloca em teste a possibilidade de desenvolver um acompanhamento mais próximo dos estudantes integrados aos serviços. Como orienta Santos (2010), tratar-se-ia muito mais de um artesanato do que de uma arquitetura, ou seja, um exercício de ajustes e criação de alternativas que vão se organizando com o decorrer do Curso, passo a passo.

De um lado o serviço avalia que o elo entre a universidade e o cotidiano das práticas está frágil. De outro, os docentes se ressentem por falta de tempo para acompanhar as práticas acadêmicas. Questiona-se aí a organização de tempo acadêmico e mais uma vez a legitimidade do ensino de graduação como foco dos docentes.

É oportuno então considerar a ideia de que talvez a pouca aproximação entre o cotidiano do serviço e a oferta educativa proporcionada pelo CGSC possa estar relacionada com uma certa *ausência*, como pontua a entrevistada JO, ao falar das instâncias de participação social e de outras oportunidades de aprendizado. Apesar da extensão da fala, considero válida sua leitura, pois revela muito do que se produz nos movimentos de avaliação do ensino na área da Saúde Coletiva:



*Eu acho que poderia incluir como atividade curricular: as feiras... Feira de saúde. Eu acho que é um espaço que claramente dá pra fazer atividades como se fossem campos de prática de saúde coletiva e tem um impacto muito legal. É o contato da gente com a população. [...] eu senti falta de participar de conferências de saúde porque é um mundo, né? É um universo, né? Quando você vai assim, você vê discussões que interam tudo que está acontecendo... e que espaço é esse?... Eu acho que todos os espaços que envolvem participação popular e saúde, eu acho que deveria ser um espaço da saúde coletiva. [...] eu senti falta da gente tá mais amarrado com o serviço, com o que o serviço faz... e...e ... o que... é... tem uma relação mais estreita e não que aqui não, não teja relacionado, mas assim é... PPA essas coisas que como a gente aplicou nos estágios que a gente ouviu falar e foi se... digamos... se infiltrando, criando os espaços, mas acho que são coisas que a gente poderia estar vendo na graduação sem... ou como campo de espaço mas são muito importantes para a formação e... e... como é...participar de relatorias, conferências mesmo, e... espaços, todos os espaços, conferência que gente participou. Então são esses espaços que a gente po... tudo bem, primeira turma, quatro anos, mas eu acho que isso poderia ser... ser articulado, fazer parte da formação. Tá na agenda isso, tá na agenda e não surgir. Que ótimo que quando surgiu a gente pôde, e foi, e foi de galera né? Foi ocupando os espaços, **mas isso fazer parte do curso que eu acho que é esse casamento, é isso que aproxima a gente da saúde**, que aproxima a gente de... da discussão que tá sendo, tá acontecendo. [...] o lugar que tá te formando tá dizendo que tem e você diz assim: Não quero. Aí é uma decisão sua, mas aí dizer: Ah vocês procurem por fora é... Eu acho que também é fugir um pouco. É o que nem eu aprendi aqui, aprendi aqui: omissão também é uma posição. Aí eu acho que é um pouco omissão tipo: corram por fora. Que não foi o que eu vi. Eu vi a gente é, é... o professor Marcelo que muitas, muitos... Guilherme também é...muitas professoras tipo... muitos professores colocando pra gente situações pra gente participar. Isso é ótimo! E eu gostaria **que isso fosse... fizesse parte do curso**. Não é... quando surgisse, mas tipo já ter esses espaços. (JO – grupo focal, grifos meus)*

A fala não tão lógica, porém muito explícita da participante revela com intensidade suas inquietações e até sugestões no sentido de aproximar os estudantes dos movimentos desencadeados no cotidiano do sistema de saúde. A omissão referida pela participante certamente não se trata de um movimento intencional do corpo docente. Relaciona-se, possivelmente, aos desafios de implementação de um projeto novo tanto para os docentes, quanto para a instituição, já mencionados anteriormente.

*E aí, eu vivi um choque de realidade, né, porque eu, ou eu ficava dentro da emergência de São Marcos, vendo como funcionava o SUS lá dentro. É... chegava a ser um choque com a minha teoria aqui. Quando eu chegava na parte do acolhimento, quando chegava naquela parte de... das fichas verdes, azul e vermelha, e você ver que ali não funciona mesmo. O tempo de atendimento médico, sabe? **Totalmente fora da nossa realidade teórica**. E aquilo me dava uma angústia, me dava um sofrimento. (AJ – grupo focal, grifo meu)*

Por outro lado, a entrevistada AB reconhece a riqueza da experiência vivenciada, demarcando que a opção metodológica de orientar o processo formativo pelas práticas Integradas talvez mereça maior discussão:

[...] eu queria dizer que eu achei muito importante também a área de práticas. Eu gostei bastante da metodologia de práticas. Dá gente ir, fazer aquele processo de territorialização, dá gente ir pra escola, né. E a parte também que foi a parte do, da regulação, conhecer a regulação na prática. Eu achei que a metodologia foi muito interessante, porque a gente passou a entender



como é que funciona determinados setores do sistema, entendeu? Eu achei muito interessante. Não só a parte teórica de trazer a parte de prova e tudo, mas a parte mais prática eu achei que contribuiu bastante. Pelo menos pra o meu conhecimento. (AB – grupo focal)

Nesse sentido, cabe resgatar uma contribuição de Paulo Freire em relação aos ciclos de produção de conhecimento. Para Freire a educação só se efetiva com a transformação da realidade, o que é compreendido como condições objetivas de vida, intrinsecamente ligadas às estruturas de subjetivação, tanto individuais como sociais, já que estas são indissociáveis, diz o autor:

Assim como o ciclo gnosiológico não termina na etapa de aquisição do conhecimento existente, pois que se prolonga até a fase de criação de um novo conhecimento, a conscientização não pode parar na etapa de desvelamento da realidade. A sua autenticidade se dá quando a prática do desvelamento da realidade constitui uma unidade dinâmica e dialética com a prática da transformação da realidade. (FREIRE, 1992 p.103)

Pensando especificamente na modalidade de formação de sanitaristas inaugurada com a Graduação em Saúde Coletiva, o entrevistado TP (gestão estadual), integrante de uma das equipes que recebe estudantes em práticas integradas e estágios curriculares junto à Secretaria de Estado da Saúde, pondera que existe uma expectativa muito grande em relação à qualidade técnica e política dos egressos deste curso, o que causa, na maioria das vezes, certo incômodo quando se estabelecem relações mais próximas, ou seja, a promessa de formação de *sanitaristas revolucionários* habita boa parte do imaginário de trabalhadores, docentes e gestores da área da saúde. Quanto a esta questão, TP pondera:

eu percebo que às vezes a gente espera, se esperou muito dessa graduação. E tem que entender que eles são estudantes de graduação, jovens, que nunca tiveram experiências, que nunca estiveram no serviço, e quando eles vêm a gente já olha pra eles... Eu quando dei aula olhava para eles: "Nossa!" Não, eles são estudantes que saíram do ensino médio agora, que estão aprendendo o que é universidade, estão aprendendo o que é o mundo e acho que às vezes a gente espera demais.[...] a prática em si ela é muito mais exigente e aí esperar isso de quem está na graduação na vivência com a prática seria demais. Até porque a prática, por exemplo, no Mobiliza a gente está lá tentando caminhar e vê todo dia a dificuldade que é uma coisa ou outra que aparece com mais força a gente vai ver nos obstáculos. Então a gente, na prática tem dificuldade de desenvolver algumas coisas. (TP - entrevista)

O sentimento de pertencimento à área da Saúde Coletiva de um lado e a capacidade técnica de outro são apontados pelos estudantes como inquietações ao final da graduação, o que foi confirmado também na entrevista com os gestores. Ficou evidente a expectativa dos gestores em relação ao desempenho técnico e político dos estudantes nas atividades de



estágio, o que levanta a hipótese de pouca apropriação dos estudantes em relação ao arcabouço teórico-metodológico da Saúde Coletiva, o que pode estar relacionado com as opções metodológicas do curso, um assunto a ser aprofundado em trabalhos posteriores.

Então a gente pôde construir, a gente pôde vivenciar aquilo que a gente tava realmente vendo nas outras disciplinas, fazer a territorialização, ver realmente o que a gente tava falando ali, a gente podia tá observando isso na prática, construindo, dialogando [...] Mas, essa possibilidade de você pensar em algo pra trazer como produto, que possa realmente trazer um benefício pra aquela população que você tá estudando, né, ou aquele ambiente que você tá estudando, aquela população que você parou pra ouvir. É muito diferente do que você sentar, entrar num laboratório que tem toda uma regra pra você entrar, não tem liberdade pra você se vestir, não liberdade, tem todo, regras pra você se portar lá dentro e que você tem que decorar todas as peças que você viu nas suas aulas práticas, a gente tinha aula prática e tinha que fazer prova prática. Então aquelas peças todas em que você tem um papel, um tempo, é... contado pra fazer, e escrever certo ou errado, e não se discute mais. Você está apto ou inapto pra passar adiante ou não, né. Então eu acho que a prática da gente a gente pôde construir, pensar, elaborar, trazer possibilidades, elas sendo executadas ou não. Acho isso. (EL – grupo focal)

Ao que tudo indica, os desafios se constituem inevitavelmente em oportunidades de crescimento e expansão, um chamado à coerência entre propósitos e métodos, como indica o depoimento da estudante CR, ao falar do componente curricular práticas integradas em saúde coletiva:

O nosso curso tem uma coisa, tem uma matéria que é diferente de muitos cursos. Eu acho que o curso só me aproximou da minha área profissional. Por quê? Durante todo o curso a partir do 2º semestre a gente tem as práticas integradas em saúde e com a nova modalidade que eu só peguei a partir do práticas 2, a partir dessa modalidade você estar numa área da Saúde Coletiva, ir pra vigilância, ir para área de gestão, isso acaba aproximando. [...] Então eu acho que essa conversa que a gente faz nacionalmente já tem melhorado, já está fortalecendo e alguns coordenadores já estão pensando com o reconhecimento do curso em mudar a grade curricular com a formação de turmas. Mas assim, a UFBA, de onde eu posso falar com mais propriedade ela me deu essa formação e me dá. E acho que o que precisa melhorar na grade? Poucas coisas, mas essa aproximação com campo profissional, com a área profissional, com certeza eu vou me tornar um profissional muito melhor do que se eu tivesse trabalhado em outro local e não tivesse vivido nada disso que a gente tem hoje, como muitos colegas meus acabam optando e só vivem isso nos dois últimos semestres e isso daí dificulta, muito, muito. Mas práticas integradas eu acho que é o nosso diferencial, porque a gente tem desde territorialização até você ir pra as áreas, subárea de Saúde Coletiva que isso é fundamental, eu acho. (CR - entrevista)

Quando indagada sobre a realização de atividade de pesquisa juntamente com um estudante de outro curso, a entrevistada MS destaca a importância do aprendizado conjunto, uma característica de possível ação transdisciplinar:

Porque a gente foi aprendendo junto. Aprendi muita coisa com ele e também pude passar um pouco. Não sei se é porque o meu estágio tava um pouco voltado para a área de saúde coletiva, área da epidemiologia, querendo ou não se ele estava lá, tinha um pouco de aproximação. Então não teve muita dificuldade entre a gente. (MS – grupo focal)



O aprendizado em equipe, integrando saberes prévios à tarefa coletiva e orientando formas distintas de relacionar-se com o mesmo objeto é característica significativa de uma formação transdisciplinar. A vivência relatada trata, portanto de uma marca importante na perspectiva de construção de um referencial de formação orientado pela inovação. Ainda que se trate de um relato de estágio extracurricular e com pouco diálogo no interior do curso, foi uma experiência muito significativa para a entrevistada, que além de ensinar, contribuiu para suas futuras escolhas profissionais (*sic*).

Outro depoimento que revela uma forma de produção de conhecimento fundamentada no trabalho em equipe e no aprendizado a partir da experiência foi o de DU. Ao relatar uma tarefa de elaboração de um boletim epidemiológico durante uma atividade de estágio ela revive a emoção do medo por enfrentar uma situação nova durante o estágio e o sentimento de gratificação, ao dar-se conta do aprendizado durante o curso:

*Isso, boletim informativo, e aí assim, ela não, vinha dar uma olhada pra gente poder, olhem aqui, vê o que vocês acham, então agente já poderia, opinava, e via com nosso olhar dar uma sugestão, então assim, elas estudavam e viam também, então assim, nesse âmbito, que é uma coisa que **eu tinha medo**, pouco tempo de estágio, que assim meu Deus, que é como se eu depois da formação, você para assim, eu acho que tô preparada para ir pro serviço, mas eu acho que não é verdade isso, porque quando agente, **eu acredito que quando agente estiver no serviço agente vai saber muito bem o que agente vai fazer**. Eu pude observar isso... com a experiência do estágio, né, agente chegou assim, pouco tímida, como DM falou, mas aí as coisas iam aparecendo, e você tinha que resolver, você tinha que desenvolver, e você tinha que dar sugestão, tinha que fazer, então agente, eu fui curta, mas eu, eu tive essa percepção assim, eu gostei, e essa foi minha experiência assim, pude ver muita coisa que aprendi aqui. (DU-grupo focal)*

Restaria então refletir, como orienta Martin-Baró: o importante não é questionar *onde* se faz, nem tampouco *desde quem*, mas sim como, em benefício de quem e quais as consequências históricas desde *quefazer*. E nesse sentido orientar ações na perspectiva das *emergências*, ofereceria às práticas desenvolvidas nestas interfaces a possibilidade de criação coletiva de um *por vir*, ampliando *horizontes de possibilidades*, tanto para o serviço quanto para a Universidade (sujeitos e instituição).



Trajetória social, familiar e política do egresso em Saúde Coletiva

Conhecer elementos do contexto social e familiar dos alunos que realizam um curso superior é de fundamental importância para identificar alcances e limites que se apresentam nas práticas e relações de ensino-aprendizagem. Devemos lembrar que o aprendizado não se realiza sem o acionamento de recursos presentes naqueles contextos. A disponibilidade desses recursos e suas formas de acionamento trazem implicações para as trajetórias escolares e/ou formativas dos alunos. O Curso de Graduação em Saúde Coletiva do ISC/UFBA tem em seu projeto político-pedagógico um forte acento na formação de profissionais críticos e “militantes”. Assim, cabe investigar elementos da trajetória política, social e familiar dos seus alunos, para refletir sobre suas implicações no processo formativo.

Resultados: Trajetória social, familiar e política

Resultados obtidos com o questionário estruturado

Respostas às questões relacionadas à trajetória social e familiar apontam que na sua maioria são estudantes cujas mães (57,4%) e pais (55,3%) são oriundas do interior da Bahia, e possuíam baixa escolaridade, sendo que as mães eram mais escolarizadas que os pais (Tabela 6).

Sobre a trajetória política dos discentes, a maioria (54,3%) relatou participação em algum tipo de movimento político e/ou social, especialmente com diretórios e/ou centro acadêmicos de Saúde Coletiva, com tempo de participação maior que três anos (56,9%). Eles identificaram que a entrada no CGSC contribuiu para o envolvimento em movimentos políticos e/ou sociais, sendo esta a resposta de 70,6% dos entrevistados.



Tabela 6. Trajetória social, familiar e política dos discentes.
Salvador, 2013

Trajetória Familiar	N	%
Origem da mãe		
Capital	40	42,6
Interior da Bahia	54	57,4
Escolaridade materna		
Analfabeto ou 1º grau	15	16,0
2º grau	45	47,9
Superior incompleto	7	7,4
Superior completo	27	28,7
Origem do pai		
Capital	41	43,6
Interior	52	55,3
Escolaridade paterna		
Analfabeto ou 1º grau	24	25,5
2º grau	42	44,7
Superior incompleto	5	5,3
Superior completo	16	17,0
Trajetória Política		
Participação Política		
Não	43	45,7
Sim	51	54,3
Tempo de participação em movimentos políticos (anos)		
< 1	7	13,7
1 a 2	8	15,7
2 a 3	7	13,7
> 3	29	56,9
Influência do CGSC na participação política		
Não	15	29,4
Sim	36	70,6



Resultados obtidos com as entrevistas narrativas

Os relatos que se seguem são resultantes de entrevistas realizadas com quatro alunas do CGSC que apresentaram trajetórias de maior engajamento em movimentos sociais. Cada entrevista foi organizada em ordem de estruturação dos conteúdos. Inicialmente há um relato acerca da participação em grupos sociais organizados antes e durante a permanência no CGSC. Em seguida foram abordadas as principais temáticas debatidas no interior desses grupos, as lutas mais importantes, principais impasses e conquistas. No terceiro tópico foi feita uma análise sobre o envolvimento dos discentes nos movimentos estudantis do CGSC. Também se refletiu sobre o incentivo que o contexto do CGSC oferece para participação estudantil, seguida da exposição acerca da importância da participação em movimentos sociais e identificação dos impactos dessa experiência sobre a atuação profissional. Nas considerações finais cada aluna expôs o que compreendia por política.

Primeira entrevista

1. Participação em grupos sociais organizados

1.1. Anteriores ao ingresso no CGSC

“Eu sou militante desde adolescente assim. Particpei da criação do grêmio da minha escola. Aqui quando eu cheguei já entrei direto no movimento estudantil, já comecei a participar direto e participei de movimento de mulheres, fui da marcha mundial de mulheres. Eu comecei a construir o movimento de juventude partidária. Cheguei a ser membro durante dois anos do Conselho Estadual de Juventude da Bahia.”

“Eu fiquei no PT oito anos da minha vida... (RISOS). Toda a minha juventude. Eu tenho 28 anos. Eu entrei com 20 mais ou menos, mas assim, não atuava diretamente no partido no dia a dia do partido. Eu era mais assim a questão da identidade política, fiquei no movimento estudantil e quando eu fiz uns 25 anos foi quando eu comecei a atuar no partido em si. Eu fui secretária estadual de juventude do PT né?! Então, qual era a minha tarefa? Eu tinha que fazer formação política com jovens do Estado inteiro né?! Debater o que é partido, o que é governo, o que é Estado, qual é o programa do partido para a juventude, formular eu tinha que formular as estratégias de disputa eleitoral de juventude, eu tinha que fazer o debate pra fomentar a participação política da juventude nos espaços dos municípios tanto no partido quanto... Criar secretária de juventude nos municípios, no partido eh... onde o partido tinha prefeitura fazer o jovem incidir pra criar pasta de juventude no governo Municipal, então assim, fazer jovens se candidatar pra se eleger. Minha tarefa era fazer a transição geracional do partido aqui no Estado. Então, eu atuei assim mais de dois anos, fazendo isso. Eu viajava a Bahia inteira eh.. e nesse período eu representei a juventude do PT no Conselho Estadual de Juventude na Bahia que era o quê? Acompanhar a conferência de juventude, mobilizar jovens no Estado todo do PT a participar das Conferências, levar o acúmulo que a gente já tinha de políticas públicas de juventude, de ... no geral assim porque é bem ampla a pauta pras conferências, então assim... e no



Conselho debater todo o tipo de questão que envolvesse juventude no Estado né?! E aqui era muito assim a questão da violência, eh... política de drogas a gente discutia muito no Conselho, saúde, eh... participação, cultura... a gente discutia muito isso assim. E no mandato minha tarefa era o quê? Era colaborar para a criação de projetos e leis para a juventude, então lá no mandato dele a gente tinha reuniões com jovens que eram base do mandato, que não necessariamente eram do PT, tinha gente de todo lugar assim, não filiado também, e a pauta da gente era absorver qual a demanda da juventude naqueles espaços, então tinha jovens marisqueiros, jovens pescadores, tinha jovem de movimento negro, tinha jovem da capoeira, tinha todo o tipo de jovem envolvido em tudo que era coisa que você imaginar... Então a gente tinha que o quê? Fazer reuniões com essas pessoas e entender qual era demanda daquele jovem que estava naquele espaço pra poder o deputados poder fazer o debate e a gente poder inserir essas pautas também, tanto nos debates dos Conselhos, que acabavam ajudando também, quanto fazer isso virar projeto de lei ou política pública. Essa era a minha função.”

1.2. Durante a permanência no CGSC:

“Eu no primeiro dia de aula eu perguntei logo se a gente ia ter espaço pra sala do DA. (Risos) Foi até na apresentação aqui no auditório. Eu perguntei porque eu compreendo que é... as pessoas precisam se empoderar dos processos né?! Elas, elas não podem ficar só passivas diante do que tá acontecendo ao redor delas. Então eu tenho essa característica, onde eu chego eu quero saber qual é o espaço de participação que nós vamos ter. Que as pessoas podem ter pra influenciar em alguma coisa, pra ajudar a construir, pra... Enfim, espaço.”

“Participou do Diretório Acadêmico do CGSC, Diretório Central dos Estudantes da UFBA. Participou da construção do Movimento Nacional dos Estudantes de Saúde Coletiva em 2009. Foi representante estudantil no colegiado de CGSC.”

2. Principais temáticas debatidas, lutas mais importantes, avanços e impasses ao longo do CGSC.

“Aqui no curso considerávamos importante compreender o funcionamento do ISC, as demandas da graduação em Saúde coletiva que era algo muito novo. Era importante a gente se inteirar pra assumir o processo não simplesmente alguém que chega pra fazer o curso mas como agente, atores. Construindo também o curso. Assumindo uma responsabilidade pela implantação do curso. No DCE da UFBA era diretora. E a gente já era assim um espaço de representação maior. Eu era representante dos estudantes da UFBA. Eu tinha assento no Conselho Universitário a gente buscava levar a pauta pra Reitoria além de pautas gerais do movimento geral nacional. A gente procurava compreender qual era a demanda do estudante da UFBA e fazer propostas pra Reitoria.” “Pra ver se acatava, se não a gente procurava fazer algumas movimentações pra pressionar, tipo ocupação, passeata, era mais assim. Na OEB, já era mais amplo ainda porque aí a gente tinha que conversar com os estudantes universitários da Bahia.”

“Aqui no curso, era mais assim a consolidação da graduação em Saúde Coletiva. A gente tinha por objetivo compreender o papel desse ator que seria. É...que profissional seria esse? O que era necessário pra a gente atingir o objetivo de formar aquele profissional? Então a gente fazia discussões em torno disso e procurava levar essa discussão também pra compartilhar com os colegas a nível nacional. No DCE da UFBA, era mais assim: como a gente faz parte de uma Universidade Federal, era compreender a nível macro mesmo qual era a interferência da conjuntura na universidade, o, as políticas públicas de educação superior, como é que elas chegariam aqui? Qual o impacto delas como a universidade deveria atuar. Autonomamente diante disso? A gente debatia muito sobre assistência estudantil assim que pra gente era central porque tinha sido implementadas as cotas alguns anos antes e a gente pensava que o estudante que chegava aqui, ele ficava tendo que competir, tinha uma disputa de classe dentro da UFBA e de raça. Como tem na sociedade em geral. Então a gente é... pensava muito em criar mecanismo pra



desconstruir essas questões. Entendeu? Que se os estudantes tivessem acesso igual a... ao ensino mesmo. Porque assim, quem não era cotista, vinha pra faculdade saía de carro, tinha almoço em casa ou podia pagar, não tinha problema de acesso a material. Então a gente pautava muito isso: a construção de uma política de ações afirmativas na UFBA de assistência estudantil. E além disso, a relação com a comunidade do em torno da universidade que a gente tinha muito isso também. De o quê que a universidade podia proporcionar de retorno pra essas pessoas.”

3. Análise da participação estudantil no CGSC

“Houve algumas tensões políticas dentro do movimento estudantil de Saúde Coletiva da UFBA. Diferença de concepção também sobre como conduzir e não ter encontrado um caminho de negociação e de acordo fez com que o movimento se enfraquecesse um pouco. Mas assim, no geral eu percebo que é um movimento estudantil muito voltado para as questões do curso, o pessoal não participa muito do movimento estudantil em geral, não sai do ISC muito, não, às vezes não se apodera de outros espaços que existem na universidade. Então eu acho que isso aí poderia melhorar um pouco assim. Eu acho que o pessoal devia. Não que o que se faz seja negativo, não! Mas assim, podemos fazer mais entendeu? Cumprir um papel mais amplo porque a Saúde Coletiva ela não é isolada, ela tá inserida em um contexto maior. Então assim, a gente tem que também se inserir nesses espaços maiores assim de participação.”

“E nessas assembleias, que vocês faziam tinham uma boa adesão dos próprios alunos, Naquele tempo a participação era grande. Depois essa participação, adesão foi diminuindo. Ainda mais assim quando chegou no último ano do curso, que diminuiu bastante só ficou uma pessoa da nossa turma. Isso assim eu tô te, te relatando o primeiro ano do curso quando era só a gente. No segundo ano, a gente percebeu uma dificuldade maior porque tinha uma outra turma e o pessoal não aderiu tanto. A gente fazia... até participavam assim das coisas, mas por exemplo: pra assumir cadeira de DA o pessoal não quis né?! Logo no segundo ano isso foi uma dificuldade. É... mas assim no terceiro ano, o pessoal já tava com um envolvimento maior né?! E eles que, os novos alunos que tocaram todo o processo. E eu lembro que era, era muito participativos, ativos assim. Tinham uma, uma liderança importante... só que aí a minha turma já não tava mais envolvida porque a dinâmica do curso mudou no final né?! Tinha estágio, tinha TCC, não sei o quê? Todo mundo tava envolvido em algum grupo de pesquisa... De repente, a turma inteira tava em algum grupo de pesquisa. Então o tempo pro CA ficou menor e minha turma tinha uma característica que o pessoal era mais velho. Então muitos tinham emprego durante o dia... Então também isso dificultava um pouco, passou a ficar mais difícil. Depois que eu passei no mestrado eu resolvi dar um tempo disso para me dedicar a academia. Hoje não participo de nada.”

4. Incentivo que o CGSC oferece para participação política estudantil

“O curso é um curso que fomenta... a reflexão né?! Dos estudantes. Então assim, eu percebo que as pessoas quando entram aqui com o passar do tempo elas adquirem uma capacidade crítica maior né?! Pelo próprio caráter do curso né?! Saúde Coletiva é um campo muito crítico da realidade. Então isso por si só já é um estímulo para as pessoas participarem, eu acho, e eu acho que é esse o papel do curso...”

Perguntada se existe alguma coisa que deve melhorar? Ela respondeu

“Eu não diria não. Eu acho que o que é feito já é... assim, nunca houve limite para a participação do estudante aqui dentro, pelo menos eu nunca vivenciei isso, nem nunca percebi isso em nenhum aspecto. Eh... Tem espaço! Agora o que eu acho é que falta as pessoas ocuparem esses espaços, assim, talvez eu vi aí agora, talvez isso seja importantíssimo que... vai ter um curso de formação política vai ter uma disciplina, parece, que vai introduzir alguns aspectos políticos pra as pessoas se empoderarem. Isso eu acho que pode ser importantíssimo e isso assim, talvez, fosse uma coisa assim que faltava assim, formação política, porque as pessoas precisam disso pra elas ficar mais nítido qual o papel delas no processo, e, às vezes, deixar de disputa pequena, assim sabe?! Política pequena. Às vezes falta isso.”



5. Importância da participação em movimentos estudantis

“Porque o movimento social é o espaço, onde... eh... é o espaço de... propor mudanças na sociedade né?! Eu acho que... e o espaço do movimento estudantil é um espaço muito crítico também da realidade. Então assim, eh... é um espaço que possibilita a crítica da realidade. Nem sempre ele é, as vezes ele é muito adesista do gover.. da situação do governo né?! E ai ele fica muito assim no sentido de a... de proteger o governo, a chamada Chapa Branca né?! É quando o movimento estudantil abre mão do seu papel de fazer o enfrentamento né?! É isso que eu acho que é crítico ao movimento estudantil, porque eu acho que o movimento estudantil por mais que tenha identidade política com algum partido que o jovem queira participar de algum partido ele tem que ter autonomia, movimento é movimento, independente do governo, quando for para ir pra cima tem que ir, porque a coisa não tá boa. A realidade não é aquela que a gente espera né?! Então assim, tem muitas lacunas na educação brasileira. Então, eu acho que o movimento estudantil não deve se furtar desse papel dele que é fazer o enfrentamento e o movimento estudantil é o espaço que o jovem estudante tem pra fazer isso, pra participar, pra tocar experiências com outros jovens é um aprendizado enorme, enorme, enorme... Quem participa do movimento estudantil eh... tem uma visão diferente sobre o mundo depois né?! Ele se empodera mesmo, então assim tanto do ponto de coletivo quanto individual é muito importante participar né?! O movimento proporciona isso participação, o enfrentamento, a discussão, a troca de experiências... Então, eu acho que é nesse sentido a importância da participação em movimentos reivindicatórios. Quanto mais reivindicatório melhor! (RISOS)Na minha concepção né?! Na realidade que a gente vive hoje...”

6. Impactos da participação na prática profissional em Saúde Coletiva

“O meu olhar sobre o meu papel dentro da sociedade é diferente, assim, e ... o meu olhar sobre o papel social da... do setor da saúde, do SUS, é diferente tipo assim eu tenho um olhar sobre a saúde que eu percebo que os outros colegas que estão... que nunca participaram ou que não... ou que às vezes estão na Universidade só pra se formar e sair daqui com o diploma é diferente, porque assim, eu vejo que o que é construído pelo Estado... primeiro a saúde pra mim é um direito assim, isso é uma concepção que eu consegui construir, graças a eu acredito que depois de todo o processo de experiência que eu pude acumular durante esse tempo. Então assim, eu vejo que eu tenho uma visão assim... de que as pessoas tem que ter os mesmo direitos né?! Eh... eu não, por mais que eu respeite os interesses individuais que eu acho que existem também, as pessoas também são indivíduos, mas eu acho que o interesse coletivo ele tem que ser superior, tem que tá no plano diferenciado e eu percebo que a saúde... eu vejo a saúde dessa forma, a educação no mesmo sentido, a produção na sociedade, em geral, eu acho que precisa ter uma orientação coletiva também eh... no sentido de tornar as pessoas assim... a vida das pessoas mais justas.”

7. Compreensão do que é política

“Política pra mim é poder. Eu tenho uma concepção assim: Existe uma disputa de poder nítida na sociedade e a política é o movimento desse poder assim. É a localização desses poderes, seja lá um poder que insere na questão da luta de classes, seja lá o poder... eh... nas... agora... eh... as pessoas discutem muito isso né?! As questões dos direitos individuais, eh... existe disputa racial na sociedade, machista, homofóbica... E o que eu acho é que política é isso ai, é esse conjunto de poderes em movimento o tempo inteiro e é assim você agir diante disso. Existe esse cenário e como é que nós vamos agir diante disso, assim, porque no Brasil, isso eu aprendi aqui no ISC, no Brasil, política é um termo só pra tudo que envolve política né?! Tanto politikstano Police (RISOS). Police é ação né?! É ação política, é política pública é...é quando se... é intervenção e... o outro termo, é mais usado assim na questão das relações políticas né?! De poder. Então pra mim política é isso. Não sei e eu fui muito nítida ou se eu me expressei muito bem, mas é isso. É participação, é ação, é negociação, é disputa, é poder...”



Segunda Entrevista

1. Participação em grupos sociais organizados

1.1. Anteriores ao ingresso no CGSC

“É, eu não digo partidária, mas no colégio eu tinha envolvimento, já. Desde a quinta série quando eu organizava os líderes de sala, quando eu estudava no colégio eu participava [...] Porque eu hoje sinto falta em alguns colégios aqui na Bahia justamente dessa formação política, que não ocorre. Que alia o pensamento da política, como já formação partidária. Ah, aquela linha, aquele grupo... Mas discutir a política não no seu sentido, no sentido, eleitoreiro, né? Mas formar, fazer política para mudanças sociais. Outro tipo de, vários tipos de mudança que a gente pode ter nos espaços que a gente se uni, discuti, melhorias para todos né?”

1.2. Durante a permanência no CGSC:

“Bom, primeiro... foi o primeiro contato que eu tive com o movimento estudantil, assim de participação, foi a Formação da Coordenação Nacional dos Estudantes de Saúde Coletiva em 2010, os estudantes do Brasil como seria a formação, um grupo que representasse os estudantes em nível Nacional. CONESC. E a função que eu desempenhava lá dentro da CONESC, de uma das coordenações era a coordenação de articulação. elaborar o estatuto da CONESC. E fora aqui dentro também, a nível mais local aqui na UFBA, eu participei do Centro Acadêmico durante duas gestões.”

2. Principais temáticas debatidas, lutas mais importantes, avanços e impasses ao longo do CGSC.

“O que aconteceu foi o seguinte, a gente estava conhecendo a realidade da Saúde Coletiva. Os cursos estavam surgindo ainda no Brasil. Eu faço parte da segunda turma, assim, a segunda geração do curso aqui no Brasil. E a gente estava tentando organizar os estudantes, por enquanto assim, de pelo menos conhecer como era cada realidade dentro de cada curso, como ele funcionava, como as pessoas debatiam a saúde coletiva dentro da Universidade, quais eram as diferenças, as semelhanças. Então foi muito isso, os encontros que a gente pôde ter em conjunto, a gente conseguiu, assim, fazer o encontro da CONESC que eram 21, 21 se não me engano, 21 estudantes que participavam na CONESC.”

“Os avanços relevantes que a gente teve, Associação, a ABRASCO né, que anteriormente era Associação Brasileira de Pós Graduação em Saúde Coletiva. Então a gente conseguiu entrar, dentro da ABRASCO, dialogar com as pessoas, os profissionais, os estudantes e mudar o nome da Associação pra a gente também se tornar pertencente a ABRASCO, que hoje assim é uma Associação que nos dá suporte. Até dentro da ABRASCO tem o fórum de Graduação em Saúde Coletiva, que discute a nossa carreira, que discute a graduação, o ensino na graduação. E isso, assim, pra gente foi um marco muito legal. Foi no Congresso de Epidemiologia que conseguiu se mudar o nome e virou Associação Brasileira de Saúde Coletiva.”

Fora, assim, a gente reuniões com o Conselho Nacional de Saúde pra um início de conversa pra reconhecimento da profissão, mas um debate que agora ficou meio que parado apresentar o curso às Secretarias, junto com os Conselheiros de Saúde.

“Então os principais debates que a gente vê ou identifica na Saúde Coletiva, além de debates políticos que são as vontades da gestão em estar fazendo as coisas funcionar, o Brasil reconhecer o Sistema Único de Saúde como uma forma de mudança social. Porque se a população tem um acesso a saúde de qualidade, tem o direito dele, assim, bem coberto, a gente consegue provocar mudanças. Mas também sensibilizar as pessoas a estarem participando, estarem cobrando seus direitos é algo muito difícil.”



3. Análise da participação estudantil no CGSC

“No curso da graduação. Eu vou falar especialmente aqui na Bahia. A gente tem aqui um, um que é bastante gratificante, é um apoio institucional, A gente precisa estar nos espaços políticos para estarem discutindo a graduação. Enquanto estiver a Saúde Coletiva só entre quatro paredes com a teoria, não vai dar certo. Se desde o início a Saúde coletiva surgiu com o preceito de reforma social, que surgiu com a reforma sanitária, com os movimentos sociais, a participação das pessoas. Algo que querendo ou não, o estudante, ele entra aqui na universidade, não é uma lavagem cerebral, mas ele vai sendo embutido com esses conceitos, que a gente precisa ser um ser ativo. Durante a graduação a gente conseguiu unir os estudantes, assim, no início mais. Hoje, que muito, assim, o que tá acontecendo - não é só aqui na UFBA, a gente tá já analisando isso a nível nacional - a gente acaba se afastando, cada um vai tomando o seu... já tem turma se formando, cada um vai tomando seu caminho e essa é a preocupação, né. Porque no início, quando a gente entra na universidade, a gente tem os sonhos mais vivos, né, de "vamos lá!", "a gente precisa mudar!", aquela coisa do jovem sonhador e que não é pra acabar no nosso curso. Então, é o que ocorre, é justamente isso. É que não, que a gente não fique unido. Lógico que ninguém vai pensar, não são todas as pessoas que pensam de forma igual, mas construir um movimento dentro da graduação que seja, assim, ativo é muito relevante.”

“A gente esta em um processo muito difícil aqui dentro, muito difícil mesmo, assim. Eu falo mais uma opinião bem pessoal mesmo. É... a gente esta tentando sensibilizar os estudantes. Tem umas quatro... mais de um mês que a gente tá sem representação aqui no Centro Acadêmico, sem representação no Colegiado, sem representação no fórum da ABRASCO, que é a representante até então tá fazendo intercambio. Então são dificuldades que a gente tá tendo pra agregar os estudantes, para estarem discutindo pautas que são relevantes e a gente tá tentando agora formar grupo pra discutir também a profissionalização e o reconhecimento do curso, porque já tem pessoas formadas e que precisa, a gente precisa se organizar. Porque se ate agora a gente não cobra do Estado, não cobra do governo, da gestão, na associação do campo profissional, e se a gente não se une, isso não vai ocorrer, porque vai... são os interesses de cada um que vão surgindo durante o processo e se a gente não tá trabalhando numa sintonia, assim, bem fina, são coisas que vão demorar, né, levar tempo. A questão da representatividade do movimento estudantil aqui no curso e quem participava, como é que vocês faziam a escolha dos líderes?”

“Às vezes as representações podem ficar sem a entrada de pessoas que tenham a personalidade que seja mais extrovertida, que tenha capacidade de articulação, de organização de pensamento, mas a gente tem pessoas que não tem essa capacidade comunicativa forte, mas que ajuda muito durante todo o processo. Aquela pessoa que faz mesmo, que tá ali disposta a tá correndo atrás, indo resolver problemas. E a formação, assim, de líderes que no início do curso, quando a gente foi apresentado a primeira turma, tinham pessoas, - vou citar nomes pra ser registrado - Poliana, Ilano, foram pessoas, assim, bem ativas no início do curso, Cíntia Clara, que sempre estavam na União dos Estudantes, quando a gente entrou, foram eles que, assim, abraçaram a turma. A gente precisa se unir, criar um centro acadêmico forte pra que debata a nível nacional, também o curso começou em 2009. E... Ai depois veio a nossa turma e a gente começou a ter representação... Foi pro ENESC, foi pro 1º Encontro Nacional dos Estudantes, conseguiu representação da UFBA, mas ai os lideres foram surgindo, né? Fez parte da congregação aqui na UFBA, no colegiado, na CONESC, no Centro Acadêmico, no Fórum da ABRASCO a gente conseguiu, dos dois fóruns que aconteceram aqui na Bahia, que foram aqui na Bahia, que foram Comunicação, Educação e Trabalho da ABRASCO, a gente conseguiu ter participação dos estudantes, participou nos seminários... A gente estava na espera de todos os campos que a gente podia discutir a graduação. Foram muitos estudantes, agora também tem das novas turmas Flávia, Gisellia, são pessoas que estão sendo relevantes no processo agora, Catarina, Amanda, mas o que ainda falta é justamente como sensibilizar todos para participar. Tenho tido essa dificuldade muito grande! mas é um conhecimento pra vida, porque o movimento estudantil também forma. Assim, dentro do curso é extremamente relevante para as pessoas que puderam ter uma participação mais ativa, como também é importante para formação pessoal, né? A gente tem contato com outras pessoas praticamente diferentes. Saber organizar o que a gente fala, ter assim um discernimento maior do que a gente considera como certo e como errado, e o principal papel é como representar, o que eu acho mais difícil de você levar a voz do estudante. Será que o representante ele... Ele desempenha



um papel neutro? Às vezes, ou ele representa sua individualidade acrescida com um temperinho dos outros estudantes? Esse é o principal desafio.”

4. Incentivo que o CGSC oferece para participação política estudantil

“Ohh, vai que, a forma de incentivar, acho que... Se a gente parar para... Em nível acadêmico... É... Conhecimento acadêmico, desde o início a gente tem um incentivo. Quais os dilemas tem na tese do professor Jairnilson? Todo processo da reforma sanitária e tudo o que ocorreu. Como foi a construção do SUS? A gente tem que ter esse incentivo político, a gente sabe que pra continuar tem que ter atores assim envolvidos, como teve, e tocando a frente o projeto social, né? Aqui particularmente no curso a gente tem professores para nós assim... Tem mais referência e são mais ativos, né? Até hoje tem um compromisso político. Todos são! Todos são! Mas, lógico que alguns quando a gente tem a duvida, que a gente tem, identifica como exemplos mais forte, né? E como ainda incentivar? É o estudante ele precisa de um aporte dentro da universidade, institucional. E que se os professores, às vezes, não passam pra gente, acaba fragilizando o pensamento dos estudantes, né? Vamos aqui gente dá a aula, aplicar a prova... Se os professores do curso ficarem realizando isso, não é o caso que ocorre aqui, né? Acaba que a gente não vai ficar com essa união, com o pensamento critico forte. O que poderia fazer para melhorar? Eu acho que é uma cobrança de todos, né? Uma cobrança mútua, não só dos estudantes cobram dos professores. Vamos, vamos lá fazer. A gente teve um projeto de divulgação aqui dentro do curso mesmo, que a gente queria assim não só fazer do curso, a gente queria que os novos cursos que surgiram na UFBA de saúde. Queria tocar a frente esse projeto para apresentar o curso, aos colegas, as pessoas que vão prestar vestibular e também para as secretarias municipais de saúde, até então... Um projeto que a gente elaborou em conjunto e que a gente começou assim, só pra eu dar um exemplo, né? A gente começou durante um tempo, mas não foi pra frente porque não teve vontade, assim de todos, não teve essa motivação forte de todos. E isso foi entre os professores e os estudantes. Ai esse exemplo que a gente toma, que precisa estar todos em conjunto. Ficar ali apresentando o curso, que não é uma responsabilidade só nossa, é mutua. O corpo surgiu com a intenção, assim em 2009, e assim um pensamento de uma responsabilidade de todos que foram responsáveis por isso. Então acaba que quero ou não, uma estudante que milita na sua vida acadêmica, ele tem sua vida assim, dividida. Você precisa correr atrás de aula, você precisa correr atrás de auxilio. Por exemplo agora, a gente esta indo pra um congresso, tem estudante que precisam, que perde aula, não perde tempo porque a gente ta ganhando também, mas que dão prioridade a isso e outras não. Então, como dividir todas essas tarefas? Como fazer também que as pessoas tenham gosto para participar? É essa dificuldade que as vezes a gente pode se enterrar. Justamente porque tem que ter essa contribuição mútua que tem que existir. Mas é difícil a gente tá num grupo grande, ao mesmo tempo pequeno e tem que sensibilizar todos pela mesma causa. Porque tem pessoas aqui pra ter seu título acadêmico, tem outros que vão querer passar pela a universidade, vivendo mais a universidade. Outros que vão se dedicar mais aos estudos, de maneira mais forte, outros que meu mundo é meu mundo, e tem outras que vão querer abraçar a tudo, né?”

5. Importância da participação em movimentos estudantis

“Eu acho que no sentindo de um pouco do que eu falei até agora. É... Ser ativo, que as pessoas assim estão a todo tempo tentando buscar. É muito fácil a gente se acomodar no mundo que a gente tá. A gente pode até pensar, ah vamos mudar o mundo, fazer diferente, abraçar todas oportunidades que existem, querer fazer tudo para todos, e as vezes a gente também se coloca um pouco individualista, as vezes a gente pode estar não estar representando, mas o espírito de revolucionário que a gente comentou, sempre existe na vida de cada um ainda mais no início de uma carreira acadêmica., não só acadêmica, mas dentro da universidade que é um espaço que abre essa mente, você lida com a diversidade dentro da universidade, né? Com pessoas que vem de realidades totalmente diferentes, ainda mais hoje com a universidade que se constitui no Brasil, que a gente tem contato com pessoas muito diferentes, que vieram de caminhos super diferentes umas das outras e essa troca ela é importante pra gente tá construindo um projeto social, aqueles que têm um pensamento mais assim... Idealista. Socialista, que pensam dessa



forma e pra construção da saúde coletiva, eu acho que esse pensamento é ainda necessário. Apesar que as vezes a gente pode se (...), pelas escolhas que a gente passa, mas ao longo do curso eu acho que o pensamento revolucionário ele é importante. Ele é um assim, a chave para abrir certas portas. E sermos ativos, ter espaços ENESC, ERESC, CONESC, de encontro, eu falo que serve como injeção de animo, com estudantes do Brasil a gente discuti, as vezes tem briga como todos os espaços, não concordando, acho que não deve ser assim, você fazendo um processo errado, você não tem ética, são varias coisas que a gente pode escutar. Mas que ali tem muita gente discute, debate nossas diferenças para tentar unificar um pensamento, que é extremamente difícil, porque o que queremos com essas perguntas? Eu acho que elas nunca vão ser respondidas, de forma geral, mas que pelo menos tenha, uma busca, um objetivo assim... Uma imagem-objetivo do que queremos alcançar, “controle de qualidade”, humanizado, para todas as pessoas que provocam uma mudança realmente no Brasil e pelo menos nos espaços que tivemos a oportunidade de estar com estudantes, que serve para isso, para nos animar, vamos lá! Ou até pra desanimar. Você olha assim, não é só parte boa não, você olha assim em alguns espaços poxa não é isso que eu quero, não é dessa forma que eu acho que as coisas devem funcionar. E tem dentro da política, do movimento político também existe muito isso, né? A gente se chateia as vezes, se afasta e você nunca mais vai querer saber daquele lado Não entendi! [...] deixa os sonhos para outras pessoas levarem a frente.”

6. Impactos da participação na prática profissional em Saúde Coletiva

Eu acho que o poder da escuta. Você aprende a identificar as pessoas, não é estereotipar não, nem ficar colocando estigmas, mas saber de onde elas vieram e a importância do lugar de onde vieram e a formação delas, quando você esta na prática você vai saber se posicionar de uma forma mais, não digo dura, mas de uma forma assim, tenha mais um chão pra pisar, de uma forma mais segura, seria a palavra. Você consegue ter um pensamento que você fica não, dessa forma... Por exemplo, uma experiência que eu tive lá na SESAB, no estágio que eu fiz agora, e a gente lá na SESAB tá tendo um debate muito forte com as pessoas que são a favor da nossa entrada e outras não são. E lá dentro quando a gente vai fazer estágio somos bombardeados, às vezes. Ah, mas como é o curso? Como esta sendo a entrada? São essas perguntas que vem. Quando participa, acompanha os movimentos estudantis, sabe a importância do curso, pra que viemos, o que somos, o poderemos ser, estamos nessa fase de responder a essas perguntas. Você consegue as coisas de uma forma assim que não da pra parecer que é disputa de território, e mostrar pra o que realmente viemos, né? Então acaba que você se forma, é uma escola. É depois assim, eu vi alguns professores falando (...) da graduação, você sai mais seguro do movimento estudantil. E acho que pra saúde coletiva especial, a gente conta muito para o inicio do curso, por justamente essa começando a plantar essa sementinha que ainda estão sendo assim plantadas, e que daqui a um tempo ainda podem ser colhida, hoje começando pela parte política, elas vão crescer mais rápido as plantas, então assim... (Risos)

7. Compreensão do que é política

O que é política? É um conceito assim (...) Eu vou responder o que é ser político? É, não parar, sempre pensar, e ter a capacidade de mudar. Mudar de opinião, não mudar você, mas que vá pelo caminho que você acha mais correto que não é. É ser, que esta pensando no bem da sociedade e fazer. Ser ativo, porque os discursos às vezes eles são, o aporte científico pra nos dar segurança, mas também conseguir aliar, porque nós falamos a nossa prática. Acho que a política tem essa capacidade, de você tentar formas de organização e tentá-las de verdade organizá-las, mas que pra mim o ser político, mais ético e mais correto, é conseguir aliar o que fala e o que faz, principalmente em benefício de todos.



Terceira Entrevista

1. Participação em grupos sociais organizados

1.1. Anteriores ao ingresso no CGSC

“Não, antes de entrar no curso não! Não tive participação. Assim no colégio, grêmio, organização dos estudantes eu participava, mas partidária, não! É, eu não digo partidária, mas no colégio eu tinha envolvimento, já. Ah, assim... Desde a quinta série quando eu organizava os líderes de sala, quando eu estudava no colégio eu participava [...] Porque eu hoje sinto falta em alguns colégios aqui na Bahia justamente dessa formação política, que não ocorre. Que alia o pensamento da política, como já formação partidária. Ah, aquela linha, aquele grupo... Mas discutir a política não no seu sentido, no sentido, eleitoreiro, né? Mas formar, fazer política para mudanças sociais. Outro tipo de, vários tipos de mudança que a gente pode ter nos espaços que a gente se uni, discuti, melhorias para todos né?”

1.2. Durante a permanência no CGSC:

“Eu comecei a participar do movimento estudantil é... Não fazendo parte de nenhuma representação estudantil. Eu comecei só como participante mesmo. Comecei em 2010, logo quando eu iniciei o curso, eu entrei em março. É... Em abril teve o primeiro encontro de Estudantes de Saúde Coletiva no Rio de Janeiro. Fui pra lá, mas fui meio que pra me divertir. Não conhecia o que era o movimento estudantil. Eu tinha participado de alguns espaços de movimento na escola, mas não era nada, nada parecido com o que é a Universidade. E aí, lá eu pude aproveitar, pude conhecer e me encantei. A partir disso, eu comecei a acompanhar, mas não exatamente sendo líder. Comecei a acompanhar pra ver onde eu me encaixava. Eu, eu tinha vontade de participar, mas eu ainda não sabia em que participar. E eu queria conhecer todos espaços pra daí eu decidir pra onde eu iria. E então em 2011, surgiu o que a gente chama de COENESC. Que é Coordenação, Comissão de Organização do Encontro Nacional dos Estudantes de Saúde Coletiva. Isso foi uma deliberação do primeiro encontro nacional. E aí quando surgiu essa COENESC eu me candidatei pra participar, mas não como titular. Eu me candidatei... A UFBA adotou um modelo diferente porque era apenas um representante nacional. A gente adotou um modelo de trio que foi composto por mim, Fabiana Palma e Camila Gomes. A gente é... Decidiu fazer em trio porque era muito trabalho, e todo mundo tinha uma dinâmica cheia. E aí eu fui, comecei a fazer parte da COENESC. Fazendo parte, sendo eleita representante daqui da UFBA, é... A gente pôde colocar pra frente alguns projetos. Inclusive o Quarta na Roda que foi um projeto que deu muito certo e que já era um projeto do antigo é... Da antiga gestão do Centro Acadêmico e a gente conseguiu fazer é... Com que ele tivesse uma, um bom impacto dentro da UFBA não só no curso de Saúde Coletiva, mas em todos os cursos de saúde a gente conseguiu levar um pouquinho do Quarta na Roda dos espaços de discussão. É... paralelo ao COENESC, eu também me coloquei no Centro Acadêmico como um, é... como um dos componentes da chapa. E então eu comecei a... Minha ideia era o quê? Começar pela base. A gente tem um movimento nacional muito forte, mas a minha ideia é começar da base, aprender o que era a base, depois aprender o que era regional até então eu chegar no nacional. Eu queria aprender como que fazia, mas eu não queria simplesmente passar pelos espaços. Eu queria passar e deixar um pouquinho de mim e aprender um pouquinho. E então com o COENESC a gente fez um trabalho muito legal e isso aí me deixou muito encantada. Ainda eu tive a oportunidade de viajar pra outros estados. De ter alguns momentos de discussão com vários outros representantes nacionais é... E aí eu decidi já tava no centro acadêmico. Já era uma representação na base aqui na UFBA com o centro acadêmico já tava fazendo um trabalho tanto é... Regional quanto, tanto local como regional porque a COENESC é... Tinha a função de criar um encontro regional dos estudantes de saúde coletiva. A gente conseguiu ir pra Natal com toda a nossa dificuldade, com toda a nossa é, é falta de dinheiro. A gente conseguiu organizar o encontro regional aqui no Nordeste com as duas únicas universidades que tinham um curso de saúde coletiva era aqui na UFBA e na UFRN. A gente se articulou fez o curso é... Fez o encontro Regional lá, foram apenas 5 estudantes de saúde coletiva pra lá. Aí você me pergunta: Como foi que vocês conseguiram isso? O ISC cedeu uma passagem aí a gente pediu, pediu, pediu o ISC cedeu duas. Aí como que fazia um encontro



regional com apenas dois estudantes de uma universidade e mais uns 50, 60 de outra universidade? Não dava! Aí eu saí de porta em porta dos professores pedindo milhas aéreas pra ver se a gente conseguia mandar mais três estudantes pra lá. Quais foram essas 5 representações? Eram 3 representantes da COENESC que eram as pessoas que estavam organizando esse encontro, 1 representante da CONESC e uma pessoa que não era representação de nada, mas que estava a todo momento nos dando apoio e que queria muito ir. Então a gente tentou conseguir as milhas aéreas, foi de porta em porta, é... Pedindo, temos graças a Deus professores que nos apoiaram bastante e eles cederam as milhas. A gente conseguiu ir. O encontro foi maravilhoso porque assim a gente conseguiu trazer pro movimento estudantil aqueles estudantes que não participavam de nada, que eram os estudantes de lá do Rio Grande do Norte. Eles se encantaram tanto que levaram 18 pessoas pro encontro nacional que ia acontecer dois meses depois. O encontro regional aconteceu em outubro, aconteceu agosto, setembro o encontro regional. E o encontro nacional aconteceu em novembro. Eles conseguiram do encontro regional até o encontro nacional levar 18 pessoas pra Porto Alegre com passagem cara, com todas as dificuldades de financiamento pela Universidade e tudo mais, eles conseguiram levar estudantes. Eu já tava, já tinha feito um trabalho de base que era na minha universidade, já tinha conseguido fazer um trabalho na minha região. Seria unir essas duas universidades: seria a UFRN e a UFBA. Isso pra mim foi essencial. E aí eu decidi entrar pra executiva de curso, a executiva nacional que a eleição era no encontro nacional, lá em Porto Alegre. Então é... Foi o terceiro espaço de representação no qual eu participei que é CONESC que a gente chama que é a Coordenação Nacional dos Estudantes de Saúde Coletiva. Teve a eleição em novembro do ano passado lá em Porto Alegre. E aí eu me candidatei, nossa chapa ganhou e aí desde então eu venho fazendo trabalho até esse mês termina agora minha gestão no dia 30 de outubro e aí a gente vem fazendo um trabalho de executiva. Criando é, é... Fortalecendo a base, criando espaços de discussão: como o seminário nacional de centros acadêmicos. Que já nesse encontro nacional que teve agora é... no início desse mês o terceiro encontro nacional. É... já criamos o conselho de centros acadêmicos que vai ser um espaço muito importante pra tá fortalecendo as bases de cada cantinho do Brasil. Porque minha ideia é que a gente possa ver os locais pra então a gente conseguir fortalecer o regional, pra então a gente conseguir fortalecer o local, o nacional. Porque o nacional é nada, se a base não tiver fortalecida. E essa foi assim a principal meta, o principal é, é... Objetivo da nossa, da nossa executiva. Era mesmo fortalecer a base. A gente conseguiu avançar, mas ainda é pouco. A gente conseguiu avançar um pouco, mas ainda a gente acredita que é pouco precisa mais. A gente é fruto de um movimento é muito imaturo ainda. Um movimento que só tem 5 anos. É quase 5 anos tá fazendo agora no final do ano. Então é um movimento que ainda é muito imaturo, muito... Tá engatinhado ainda né?! A gente tem muito o que avançar. Então a sua pergunta foi: Quais os grupos? Os fóruns? E quais as funções que eu exerci? É... Eu já falei o que era esse espaço, a COENESC, a comissão de organização, o centro acadêmico que é o CASCO o nosso chamado CASCO e a executiva de curso que é a CONESC. Já expliquei o que era esse espaço, a função, qual a função que eu exerci? É... Na COENESC, eu já falei que era mesmo organizar tanto o encontro regional como o encontro nacional. Era! E também fortalecer as discussões na base para que esses estudantes possam ir pro encontro nacional com uma discussão. O que a gente percebeu no primeiro encontro, que os estudantes iam ficavam que meio sem saber qual era a discussão nacional. Tinha um tema o encontro, mas eles não sabiam muito, qual a sua posição? Qual a sua opinião? Em relação aquele tema. Como o segundo encontro tinha um tema de é... Movimento social, saúde coletiva enquanto movimento social, a gente quis mesmo debater com os estudantes na base para que quando eles chegassem lá em Porto Alegre no segundo encontro, eles chegassem tendo uma opinião. O que é isso? O quê que esse tema representa pra minha graduação? O que esse tema representa pra mim? E aí eu fiquei na COENESC na mesma época. Tanto de organização como de continuar o debate desses estudantes na base. É... aí agora eu volto pra minha função enquanto executiva. Eu é... participei, a nossa executiva é composta por coordenadoria. São sete. E eu fiz parte da coordenadoria de integração estudantil em eventos. O que é essa coordenadoria? É fazer o acolhimento que aí eu já tinha feito quanto COENESC indo pra Natal, fazendo o acolhimento com os estudantes, esse ano no Nordeste tivemos duas universidades que abriram o curso de saúde coletiva que foi na estadual de Pernambuco e na federal de Pernambuco. Então a gente foi pra lá, eu fui pra lá fazer o intercâmbio nesses estudantes, acolher eles pro movimento estudantil e fortalecer esse movimento. Que ainda é novo e que tem algumas dificuldades a serem enfrentadas. É... além do mais é... a coordenadoria da



qual eu fiz parte, ela era é... era a representação da executiva na COENESC. Na comissão organizadora. Era ela quem levava as demandas da executiva do curso, era ela que levava as demandas que os estudantes trazia pra ela, pra comissão organizadora do ENESC. É... Além disso, era promover mesmo eventos, seminários, que já falei, seminários acadêmicos agora no Rio de Janeiro a gente que organizou, a gente que fez toda a parte de, de logística e tudo mais.”

“Partidos políticos eu nunca fiz parte. E ainda estou imatura nessa discussão. Hoje, eu não tenho muito posicionamento em relação a isso, de eu estar estudando bastante, mas ainda estou apartidária. ((risos)) em relação aos espaços de participação social, o único espaço que eu venho acompanhando, é... Me doado bastante para os espaços do CEBES, né? Que o Centro de Estudos Brasileiro em Saúde, que esse espaço pode proporcionar o retorno do fórum popular de saúde, que é um grande espaço, que acopla vários movimentos sociais, então assim hoje o espaço de movimento social que eu participava é esse, eu nunca participei nenhum outro.”

“Eu comecei através do CEBES, que eu comecei a participar por conta do professor Jairnilson, é... Eu era bolsista da professora Ligia, sou bolsista da professora Ligia e tive o contato muito próximo com o professor Jairnilson Paim e ele sempre convidava para as reuniões do CEBES eu não sabia nem o que era CEBES no início e aí ele convidou, convidou, e no finalzinho 2010 pra início de 2011, só que eu não podia participar até 2011 por conta das minhas aulas que as reuniões aconteciam sempre a noite e eu estava aula e eu nunca vi ninguém participando e esses espaços abertos quando eram liberadas as aulas, quando não tinha aula, mas eu não tinha uma frequência assídua. E aí veio no início desse ano, quando eu só fiquei com TCC à noite eu consegui ter noites livres e comecei a participar das reuniões dos CEBES e ajudar na construção de alguns eventos e outros espaços de discussão e a partir desses e de outros espaços de discussão surgiu a ideia também de resgatar o Fórum Popular de Saúde e aí desde quando uns três meses atrás a quatro meses que a gente vem tentando tocar esse fórum, começou desde as manifestações, na verdade com as manifestações em junho, surgiu uma discussão de não só ficar naquelas manifestações pontuais, que a gente entendia que essas manifestações por todo o Brasil foi muito pontual uma hora ela ia ter fim a gente queria ter discussões que ela fosse mais... que durasse mais. Que eram pautas que precisavam ser discutidas, eram movimentos que precisavam ser feitos e não era naquele mar de manifestações. Não, a gente entendeu que era pra ser feito em mais tempo e aí surgiu a ideia de resgatar o fórum e tal popular de saúde, então o fórum é integrado do CEBES, faz parte do CEBES, não tem um corpo do fórum ainda. São pessoas do CEBES, o CEBES vem tocando essa discussão e desde então eu venho participando.”

2. Principais temáticas debatidas, lutas mais importantes, avanços e impasses ao longo do CGSC.

“É... As principais temáticas. Desde o primeiro encontro, lá no primeiro ano de graduação a gente discutia bastante o que era essa graduação. O quê é que a gente quer dessa graduação. O que é ela? Ela é composta por quê? Quem é Saúde Coletiva? Quem não é? Porque não ter, é... o Brasil tem vários cursos de Saúde Coletiva, mas tem nomenclaturas diferentes. Então por muito tempo a gente debateu quem era Saúde Coletiva e quem não era? Existe um curso na UFU que é a Universidade lá de Uberlândia, que o nome é Saúde Ambiental. Então a gente queria discutir: Esse curso faz parte da Saúde Coletiva? Eles entendiam como Saúde Coletiva, mas será que ele realmente faz parte? Então, por muito tempo a gente discutiu o que era essa graduação? Como ela era composta? Quem faz parte dela? É... O quê que a gente quer dela? Por muito tempo a gente discutiu isso. Tentou introduzir um pouco a discussão sobre mercado de trabalho, mas foi bem tímida. Não foi uma coisa que foi muito aprofundada. Depois já no segundo encontro, que aí o tema era Saúde Coletiva enquanto movimento social a gente queria mesmo dar além da, a gente tem muito aquela ideia de ficar na academia sabe? Tem a Saúde Coletiva pra academia, mas a gente não extrapola os muros sabe? E a gente queria mesmo extrapolar. Sair um pouco da academia, mas o quê que é a Saúde Coletiva faz um link com o movimento social? E aí eu trago o CEBES como um, um dos principais espaços que eu participo. É... Que faz um link entre a academia e o movimento social, principalmente, agora com a criação do Fórum de Saúde. É Fórum Popular de saúde. Então assim, por muito tempo, o que era essa graduação? Então depois a gente começou a se discutir o quê que a gente tem a ver? Qual a ligação da gente com os movimentos sociais? Até porque a sociedade investe na gente. Então, como é que a gente vai fazer



pra gente tá extrapolando os muros da universidade? Que aí foi o tema do 2º Encontro Nacional que era quando a gente discutia o que era o movimento? Como que a gente quer fazer essa ligação? O quê que a gente pode fazer? E o quê que a gente não pode? E aí depois quando começou a se formar as turmas em todo o Brasil começou a se formar porque as turmas começaram em 2009 e aí agora em 2013, no início do ano começou a formar. Na verdade em 2012 no final do ano já tava formando algumas turmas. E aí a gente começou uma polêmica que era: Onde vamos trabalhar? Como vamos fazer a regulamentação dessa profissão? Como vamos fazer o reconhecimento do curso? E começou a confusão de conceitos: o que é regulamentar? O que é reconhecer? Existe a regulamentação da profissão? Existe a regulamentação do curso? Começou a ter essa... essa série de confusões e, então... a temática virou um pouco isso... sabe?! O que é isso? Só que pouco antes disso, alguns, e eu to falando do cenário nacional é... alguns é... alguns, algumas universidades entenderam que era preciso também discutir o movimento estudantil, porque, como eu falei, como, como somos muito imaturos, tem coisas que a gente fez que a gente acha que já tá errado, que a gente viu que tava errado, tem coisas que a gente fez que a gente não sabe se está errado ou se tá certo e tem coisas que a gente não fez mas que a gente gostaria de fazer ou que a gente não gostaria de fazer. Então assim, tem muitas também questões políticas envolvendo, eh... cada Universidade tem um pouco de pensamento diferente que envolve muitas questões políticas, e quando eu digo políticas, não partidárias, eh... enquanto é sensível algumas universidades pensadas a gente tinha que discutir o movimento, porque a gente estava tomando rumos diferente. Cada Universidade tava fazendo um pouquinho, mas não estávamos integrados. A gente entende, desde o início lá em 2009, que a gente precisa andar juntos. Como compromisso novo, se a gente não andar junto, é difícil da gente ter um peso Nacionalmente e quanto maior o peso nacionalmente mais... mais fácil de... representações lá e regulamentar esse curso. Então assim, começou a se discutir também o movimento estudantil como o calor daquelas manifestações que ocorreram em Junho, muitos estudantes estavam em São Paulo e disseram “não por que a gente também não discute como é que é as manifestações? Como é que entra a saúde Coletiva nesses espaços?” E aí, vem o tema do terceiro ENESC que era das Efervescência das manifestações até a saúde, como é que seria esse índice E aí como subeixo a gente colocou, porque era um tema que eu acho que deveria ter nesse terceiro encontro, mas acabou não sendo, a questão da carreira, regulamentação e profissionalização. E aí, a gente veio, paralelo ao movimento estudantil, mas discutindo isso. No encontro Nacional que a gente teve agora no início do mês, a gente conseguiu discutir, consegui alinhar algumas coisas, conseguimos agora é.. é ..tentar pensar um pouco mais igual, a gente sabe que não vai pensar igual homogêneo o tempo todo, mas assim. Existe mais uma sintonia, mesmo quando as diferenças de pensamento, a gente consegue divergir politicamente, mas a gente consegue ter um Norte. Queremos isso, então vamos lá nos unir para fazer aquilo e aí a gente já entendeu tivemos uma discussão sobre investigação que essa é uma das bandeiras que a CONESC levanta, mas assim, não existe uma bandeira, especificamente, que a gente levanta. Existe várias... Varias questões que a gente apoia principalmente a privatização da saúde que é uma coisa que vários representantes nacionais vem participando do debate que é a CEBES vem fazendo... Eh... Aqui na Bahia eu venho participando bastante desses debates e dos encontros que a gente faz e nacionalmente isso também vem acontecendo, mas você perguntou das bandeiras?’

“Avanços! Avanços já seriam esses. A gente começou a pensar mais sobre o que é que a gente vai... Quer, como é que a gente vai fazer? E como a gente vai se unir pra fazer? Porque desde 2009 a gente sempre fomos muito unidos e é por isso que esse movimento está tão forte. Eh... um outro avanço que eu digo é que a gente, pelo menos na Bahia, eu já falo mais local, que a Bahia tem um cenário, hoje, muito mais avançado, em relação aos outros Estados, é que a gente conseguiu junto com o Secretário Estadual de Saúde, a gente conseguiu formar um grupo de discussão, um grupo de discussão na SESAB para discutir a carreira do sanitário, porque hoje já existe a carreira do sanitário que é aquele profissional que é formado em qualquer outro curso da saúde que tem no mínimo especialização em saúde coletiva ou saúde pública, então a gente já tem essa carreira. O que é que a gente queria? Reformular o projeto de lei. Aproveitamos uma oficina que a Abrasco fez logo no início do ano passado aqui na Bahia com todos os GTs, GTs de carreira, GTs de educação, e aí aproveitamos esse espaço e o Dr. Solla eh... mostrou a minuta do projeto de lei e aí em um outro espaço lá na EESP, na EESP, no espaço de atenção primária na EESP, conseguimos montar um GT de discussão sobre carreira que foi composto por professores, eram dois professores, professor Marcelo Castellanos e a professora Isabelá Pinto,



quatro estudantes que eu faço parte, Camila Reis, Karina Cordeiro, Cintia Clara Guimarães e Flávia, é... Flavia Cavalcanti, e mais representantes da secretaria que são os sanitaristas. Esse GT vem discutindo algumas questões sobre carreira e esse eu acho que é o nosso maior avanço eh.. pelo menos localmente a gente vem discutindo um pouco como é que se faz essa regulamentação, como é que a gente pode reconhecer essa profissão e questões sobre conselho, outras questões polêmicas em nosso curso, varias questãozinhas que ainda estavam um pouco eh.. Tímidas no nosso discurso, na nossa discussão, começaram a... a tomar mais espaço e começaram a ter uma aparição um pouquinho mais e começamos a discutir, chamar advogado, temos uma advogada que é muito próxima da Universidade, daqui do Instituto que também é professora de uma das disciplinas que é Dra Itana Viana e ela simplesmente a gente convidou ela pra discutir sobre isso a gente discutiu bastante. Então assim, tivemos um avanço enorme em relação a isso, sobre carreira, tanto é, e aí eu volto um pouquinho a essa discussão, no segundo encontro Nacional em Porto Alegre, criamos um GT de profissionalização composto por egressos e estudantes que queriam participar. Na verdade todo e qualquer estudante que quisesse participar, poderia e mais os egressos de Saúde Coletiva. Esse GT tinha como função discutir e amadurecer a ideia de reconhecimento e profissionalização. Esse GT não andou por muito tempo, eh... Só agora nos últimos 1 ou 2 meses, ele começou a andar com muito assim, muitos deles, muitos quatro representantes eles tiveram problemas pessoais, se formaram, tiveram que trabalhar, ai... Enfim... Cada um tomou um rumo o outro foi fazer mestrado o outro foi fazer pós, enfim... Cada um tomou um rumo diferente e com isso, ficou difícil andar e aí aqui na UFBA o que é que a gente fez no encontro regional de estudantes que ocorreu agora esse ano que... foi aqui na Bahia a gente montou um GT de profissionalização regional. Por quê? Qual a função desse GT já que já existia o Nacional? Para criar mais espaços, para criar um espaço que desse base para o GT nacional. Porque a gente sabia que o GT Nacional estava precisando de ajuda, a gente criou esse GT regional pra que... é composta pela UFBA, UFRN, UFPE. Esse GT dá um embasamento para as discussões tanto é que de 15 em 15 dias a gente tem discussões sobre carreira e esse GT embasaria a discussão Nacional. Paralelo a isso, como eu também faço parte desse GT de profissionalização e faço parte do GT de carreira. Eu fiz “Gente, por que que a gente não dialoga? Vamos dialogar GT de carreira e GT de profissionalização, porque eu tinha uma bagagem é, é grande em relação ao GT de carreira e o pessoal já tava começando a discussão e aí a gente começou a discutir tanto eu como Flávia, que ela também faz parte do GT que são as únicas representantes hoje enquanto estudante já que Karina Cordeiro tá fazendo intercâmbio e Cintia Clara tá em Brasília, não dá para elas ficarem fazendo esse acompanhamento presencial, dá para fazer só via e-mail. Eh... a gente começou a articular aí surgiu a ideia da gente fazer uma Twitcam ou uma vídeo conferencia por todo o Brasil, inclusive saiu agora na quarta feira dia 23 que vamos ter sobre carreira sobre profissionalização com a professora Isabela e vai ser transmitido por todo o Brasil qualquer estudante que estiver lá no Acre que tem curso de Saúde Coletiva lá e quiser fazer uma pergunta pra ela, vai só lá mandar uma perguntinha a gente vai fazer a pergunta aqui e vai ser respondida a... a pergunta dele. Então assim, esse que é o grande avanço e desafio. Como eu falei, somos imaturos em alguns espaços, não temos ainda é... é clareza de alguns assuntos, inclusive sobre o que você falou é que vai ter uma pergunta sobre é... política, partido político, não temos maturidade ainda em relação a essas questões eh.. temos ainda algumas incertezas temos ainda algumas dúvidas mas eu acho que um grande problema foi solucionado com esse III Encontro Nacional conseguimos solucionar uma questão política de de ideologia, conseguimos solucionar questões de cada um tá lutando sozinho e aí vem uma frase que é clichê no nosso movimento que é Sonho que se sonha junto torna-se realidade, a gente começou a sonhar junto novamente. Sonhamos juntos lá esse ano deu uma desequilibrada e isso eu falo Nacionalmente e agora começamos a sonhar juntos novamente e isso faz com que a gente consiga superar essas dificuldades que qualquer movimento estudantil vai ter, Na minha base hoje, a gente sofre muito pela política, muito, estamos aqui sem representação, estamos hoje sem centro acadêmico, estamos hoje sem representações na CONESC além de mim e minha gestão acaba agora no dia 30, estamos hoje sem representação no Fórum de graduação da ABRASCO que é um espaço que hoje se eu tivesse mais um ano de Universidade eu entraria porque até então não tinha me instigado tanta vontade de participar, mas hoje é um espaço que eu tenho colaborado, mas não como representação. Tenho buscado muito professor Guilherme Ribeiro, que hoje tá no colegiado gestor do fórum e é representante da UFBA enquanto coordenador. Tenho buscado bastante ele pra conversar sobre o fórum que é um espaço hoje muito importante e estamos sem



representação no colegiado e estamos sem suplente na congregação, então hoje, estamos vivendo um caos o que eu digo é uma crise totalmente de política de ideologia porque é uma coisa que eu venho percebendo e alguns professores vêm percebendo é que estamos com grandes problemas políticos, sabe?! Falta mais política nos estudantes, falta mais àquela questão que eu lhe falei antes que nacionalmente tá voltando a ter sonhar uma coisa junto para tornar realidade. Isso tem me deixado bastante triste, muito angustiada. Desde maio venho chamando a assembleia para fazer eleição sobre essas representações Montou-se uma comissão eleitoral que foi destituída porque os meninos não conseguiram andar porque foi uma pressão grande em cima deles. Eles não conseguiram ir pra frente, eles pediram eh... pra sair da comissão. Então a gente tá passando por momentos muito complicados que as pessoas que foram pro II encontro, III encontro Nacional agora voltaram com gás e eu espero que essas pessoas também continuem com gás, porque o que acontece é que assim são poucos atores que fazem essa... Quer ver são seis pessoas que vocês vão convidar que fizeram parte desse movimento são poucas pessoas na frente de um público que tem muitas demandas, principalmente porque é um curso novo e que desde esse momento que é muito novo a gente tá implantando algumas questões políticas, entendeu?! Então assim, são poucos estudantes que estão por dentro de... Tudo! E esse estudante tem que dar conta da vida pessoal, tem que estudar, tem que dar conta de tudo... E esse estudante também se forma que é o caso de Cintia Clara formou, teve que sair, Karina foi fazer intercâmbio, aí é o caso de eu e Fernanda que agora estamos saindo no final do ano, quem vai ocupar esses espaços? Porque assim, o tempo todo a gente tá chamando as pessoas, mas as pessoas não querem essa responsabilidade, sabe? Porque você abre mão de muitas coisas, sabe?!. Estar no movimento estudantil pra mim, foi uma maravilha, mas assim você abre mão de alguns espaços...”

3. Análise da participação estudantil no CGSC

“A participação estudantil ela tem sido muito pouquíssima, pouquíssima, pouquíssima... A gente tem assembleia de ter quatro estudantes e que não é possível fazer uma assembleia porque não tem quórum. Entendeu? Nós temos espaços de tentar fazer eleição e não ter representação. Então assim, a participação falta mais querer ter responsabilidade pra si que infelizmente uma hora vai ter que ter... sabe?! Uma hora a gente vai ter que vê, quando formar e que a gente vê que ainda não tem um espaço consolidado, pra gente trabalhar, a gente vai se dá conta. Poxa, eu fiquei quatro anos na universidade, quatro anos estudando e eu só me preocupei com estudar. Não adianta você só ficar o tempo todo estudando e não ter onde trabalhar, porque eu não tenho como trabalhar, porque eu não tenho como trabalhar, eu não tenho uma profissão reconhecida ou eu vou trabalhar com acordos políticos como prefeituras ou eu vou fazer uma pós, o que a maioria no instituto querem fazer isso, mas até conseguir o quê que eu vou fazer, né? E às vezes quem não tem bolsa, o que fica difícil de você se manter que essa é a grande realidade de estudantes que trabalham o dia todo e estudam a noite, e aí como é que os estudantes vão fazer uma pós depois se não vão poder estudar durante o dia? Ou você vai fazer uma pós no final de semana ou não vai fazer, ou você não vai se mater. Grande parte dos estudantes tem uma vida complicada por estar aqui então eu admiro muito, que tem muitos estudantes que não participam, porque não podem, sabe? Não podem participar ou porque não tem tempo de participar, sabe? Eu acho interessante isso porque também não é legal você formar uma representação e você não dar conta entendeu? Não é legal, sabe? Mas assim o pouquinho que você faz, eu costumo dizer muito isso, vai do consciente de cada um, que vai prioridade de cada um, porque assim, em 2010, isso não era prioridade para mim, eu acompanhava, mas eu não era representação, não era prioridade porque eu achava que eu tinha que estudar mais. Eu tenho colegas que não foi prioridade durante dois anos e agora tão dizendo: eu quero, eu quero participar. Agora é minha prioridade, agora eu vou fazer isso... Tá que muitas vezes eu escuto: ah, é que eu não quero responsabilidade pra mim é muita responsabilidade. E aí por muito tempo eu ficava, eu conversava com professor Guilherme, eu conversava com a professora Isabela: Ah professora, mas eu tô tão chateada, to tão chateada, porque a gente se acaba, não ganha nada financeiramente falando, a gente perde noite, a gente se desgasta, a gente não estuda tanto quanto o outro coleguinha que estuda muito e a gente ainda houve algumas questões, que nos deixa pra baixo, e aí eu falei: mas eu não ganho nada com isso, aí eu ouvi um frase que hoje ou costumo dizer bastante do professor Guilherme, da professora Ana Souto que assim, querendo ou não a gente ganha, sabe? Porque eu era uma pessoa que não falava. Eu era uma pessoa extremamente tímida, que eu preferia perder nota. Eu preferia perder nota de qualquer trabalho, mas eu não apresentava trabalho, sabe? Eu era uma pessoa que se



chegasse no lugar eu chegava, ficava cinco horas no lugar você não ia notar minha presença porque eu não ia falar. Sabe? E hoje uma grande conquista que eu digo pra mim no movimento estudantil é que hoje eu chego em qualquer lugar e exponho a minha opinião, sabe? Às vezes eu posso até ficar nervosa que é o normal, qualquer pessoa fica nervosa, que é normal, mas eu falo. Eu não fico quieta. Sabe? Eu não fico calada sem impor minhas ideias. Então assim, o movimento estudantil traz um amadurecimento muito grande. E isso que os estudantes não conseguem ver. E eles acabam participando pouco, sabe? Acabam, é... Não participando. E acaba que a participação estudantil aqui na UFBA, ainda é pequeno demais. E isso é em todo Brasil, existem cento e pouco estudantes compondo o movimento e isso não só pra Saúde Coletiva não. A gente teve a oportunidade de conversar com outras executivas de curso e de outras universidades também, outras executivas de curso também.”

“Eu tive muito, por muito tempo, muito angustiada com esse movimento estudantil. Eu acho que a intenção maior é você saber um pouco mais do movimento estudantil. Tive por muito tempo angustiada com esse movimento, com a falta de união, com as questões políticas ideológicas de cada pessoa e com o outro querer conquistar os espaços pra si e não pra o coletivo, e aí, ia contra a lógica do curso que é Saúde Coletiva e ia muito pra o individualismo. Eu tive por muito tempo assim e eu consegui melhorar, hoje eu estou muito bem, estou muito confiante, depois desse encontro nacional. A gente pôde... conseguir sentar com pessoas que estavam fazendo isso, e na minha base, infelizmente, não temos essa maturidade ainda. Ainda estamos com sérios problemas, mas nacionalmente conseguimos sentar, conseguimos falar o que cada um tava fazendo de errado, o que cada um tava fazendo de bom. Conseguimos tirar metas pra o movimento estudantil agora pra 2013-2014, conseguimos mudar muitas questões, e eu acho que, assim, a gente ta amadurecendo, caindo, levantando, com erros, com acertos, mas a gente tem amadurecido só... e isso tudo é reflexo de um curso que é muito novo, de um curso que tem pouca política, e aí... eu acho que cada vez mais a gente precisa trazer isso pro nosso curso, e agente só tem a ganhar. E... é isso, eu acredito muito nesse curso, eu sou apaixonada, apaixonada mesmo. E eu acho que basta a gente se unir mais, a gente buscar mais e doar um pouquinho de nada de cada um, que acho que cada um se doando um pouquinho, já vai conseguir melhorar muito o nosso curso.”

4. Incentivo que o CGSC oferece para participação política estudantil

“Tá... Esse curso é totalmente crítico, você entra aqui, como eu falei, eu mudei, a Camila que entrou aqui em 2010 não é a mesma Camila que é agora em 2013. Eu mudei totalmente, tanto quanto com o movimento estudantil, como com o curso. O curso te faz pensar o tempo todo, te faz criticar, te faz ter aquilo ali, é um curso que é muito crítico e nossos professores incentivam muito essa crítica com o que é público, a gente não tem um modelo assim, sabe não é como outros cursos que eu conheço e que outras pessoas já fizeram que vem pra Saúde Coletiva e faz, que é muito fechadinho. A gente tem uma crítica muito grande dentro dos espaços então assim desde quando você entra nesse curso, você entra com uma visão mais crítica das coisas... E aí o movimento estudantil também te faz isso, porque você tem a oportunidade de ter contato com outras pessoas, com outros atores. Como representação, você tem que falar, você acaba sendo obrigado a falar, porque se você não representa... você ta levando a ideia dos seus colegas e você é obrigado a expor essas ideias. Você não tem que expor as suas ideias se você não quiser, mas as ideias do... do coletivo, você tem que levar. Então assim, o tempo todo você ta fazendo esse “link” de... é... de você... o que você vive na universidade com o que você tem que... que falar. O tempo todo você ta criticando, você ta ali fazendo proposições, estudando aquilo. Então não é só... é crítica reflexiva. É muito crítico reflexivo. Então o curso tem muito isso, os professores incentivam, bastante, isso. E o movimento estudantil também vem ajudando, bastante, nisso. A gente faz bastantes discussões... Fazemos bastantes discussões regionalmente e uma base também fazia essas discussões. E aí eu trago de novo o “Quarta na Roda”, que, assim, é um espaço que eu gostaria muito de reabilitar, sabe... o “Quarta na Roda”, por questões políticas e ideológicas, acabou morrendo esse ano, entendeu. Mas assim, é um espaço que tinha muitas discussões críticas, era um espaço que a gente podia ir lá chamava um convidado, a gente fazia uma roda de conversa e todo mundo ali falava o que pensava, criticava, discutia, propor... é, fazia proposições. E é um espaço que eu acho que é bastante interessante e que tem que ser resgatado aqui no Instituto, sabe. Aquele espaço onde a gente abria mesmo as ideias e era um dos poucos espaços de



discussão que a gente tinha sem presença de professor, mesmo. Sabe, um espaço do Movimento Estudantil, não um espaço que o professor montou na grade lá, montou na sua disciplina... Então, não sei se respondi sua pergunta.”

“Desde, desde quando eu comecei com essas questões políticas que eu venho dizendo que ta acontecendo aqui na UFBA, eu tenho conversado bastante com a professora Isabela, que é a nossa, hoje, diretora do curso e a pessoa que eu tava mais conversando foi a professora Ana Vilas Boas. Porque eu conversei bastante com elas? Por que eu pedi pra professora Isabela que a gente pudesse implementar um curso de Políticas. O Seminário Nacional dos Centros Acadêmicos foi pensado porque a gente queria levar um pouco mais de política, política pra os estudantes, queria que eles discutissem mais política, que muitas vezes em alguns cursos, falta política. E no curso daqui da UFBA falta um pouco mais de política. E aí foi pensado o curso de férias com o professor Paulo Fábio, só que... Só que se pensava além, um pouco mais que isso. Foi pensado também que no encontro regional trouxéssemos um pouco mais de política. Tanto é, que o nosso tema do encontro regional foi política também, foi a atuação política dos estudantes. E aí, também em conversa com a professora Carmem Teixeira, ela fez a abertura do Encontro Regional. E aí ela trouxe um pouco pra essa aula, sobre políticas, sobre... os diversos atores que fazem parte dessa política. Então assim, eu acho que falta mais, né. A gente ta tentando, enquanto representação eu tenho tentado, é... pedir pra esses professores que são responsáveis por implementar algumas coisas pra ver um pouco mais essa... de um curso de férias de uma disciplina, é... de uma espaço de uma semana... E assim, eu tenho tentado fazer isso. Existe alguns projetos, mas nada consolidado, então não cabe falar aqui. Mas assim, temos pensado de formas de trazer essa política pra os estudantes, porque precisa muito. Eu acho que falta ainda muito política, temos pouquíssimo. Temos muita crítica reflexiva, mas a política propriamente dita temos pouco. Não é que não temos, temos pouco. Eu acho que falta mais pra o curso de Saúde Coletiva de forma... muito ainda, sabe.”

5. Importância da participação em movimentos estudantis

“Porque é importante. É... Por quê? Por que a gente qualifica, sabe. A gente consegue qualificar o processo, qualificar o curso. É... Um problema de curso novo é que muitas vezes somos os chamados “cobaias” né?! Muitas vezes somos os “cobaias” em alguma disciplina, somos os “cobaias” de... De diversos aspectos, e temos que pensar se realmente aquilo é o que a gente quer. Então, o tempo todo, a gente tem que ta unido. Porque assim, universidade pública você tem que se unir pra ver se aquilo que esta sendo feito, realmente está de acordo com o que você quer. Se a universidade tem estrutura adequada, se as discussões estão sendo adequadas pra o que você quer, se o movimento esta indo de acordo com o que você quer, se existe emprego quando a gente forma, e a gente tem diversos aspectos, tanto de... Vai desde a estrutura física, como as questões, mesmo, de pensamento, como as questões intelectuais. Eu acho que o movimento estudantil vem pra qualificar esses espaços.”

“Os professores já têm uma demanda muito grande de aulas, de pesquisa, de projetos. E assim, com o movimento estudantil a gente vem só agregar a luta desses professores e qualificar o que está sendo feito. Então, eu acho que o movimento estudantil é muito importante pra levar a opinião dos estudantes, porque não é todo aluno que chega e fala “Oh, eu quero isso”, “Oh eu acho que tem que ser aquilo”. Às vezes o estudante tem vergonha de falar ou não se sente bem de falar tudo. Então, se ele te encontra e eu entendo, ou com você sozinho ele se sente mais a vontade, ele vai te falar o que ele acha, e aí com todos os estudantes que vão te falar o que acha você vai levar a opinião desses estudantes. E não apenas você levando a sua opinião. E não apenas fica na opinião do que o professor ver que precisa, entendeu? Porque muitas vezes ele vê que precisa de alguma coisa, mas não é aquilo que precisa. Por exemplo, essa questão política não dá pra um professor perceber se um estudante não levasse pra ele e dizer, “Oh professor, ta acontecendo isso, isso e isso”. Eu acho que a gente precisa mais de políticas, entendeu? Porque essa questão de problemas políticos dentro do curso, não tinha como o professor que tem mil demandas na vida dele, tem mil coisas pra fazer, ele saber que estava acontecendo. Se o estudante, a representação estudantil não levasse pra ele, “olha, ta acontecendo isso, isso e isso”, “o que é que você acha que precisa ser feito?”. Eu acho que precisa ter políticas, os estudantes precisam ter mais, é... saber mais diferenciar as coisas, vamos tentar fazer alguma forma que



esses estudantes consigam entender esse conceito, consiga, é... lidar com essas situações. Então assim, é importante porque qualifica totalmente o processo. E sem, e sem esse movimento de estudantes, eu acho que fica muito preso ao que o professor vê e nem sempre é o que realmente ta acontecendo, porque eles têm muita demanda, eles ficam muito observador, sabe? Não fica muito vivendo aquilo. Então, é preciso ter as duas partes.”

6. Impactos da participação na prática profissional em Saúde Coletiva

“Ah... muito! Sabe, é como eu tinha dito já em outra pergunta. É... participar do movimento estudantil te torna um profissional mais qualificado, um profissional diferenciado. Porque você consegue... sem uma representação você vai ta sujeito a diversas situações, você vai ta sujeito a crítica, a elogios, a problemas, então você vai ter que ta... ter discernimento de saber lidar com esses problemas e com essas situações diferentes. Então assim, quando você vai pra um ser... quando você é um profissional e você vai lá pra o serviço, você vai, você também vai ter. Você vai ter diversas situações e que você vai ter que dar conta. Então assim, eu acho que é um pré, é um pré, uma pré experiência do que... lógico, diferentes. Muito diferentes. Mas estar no movimento estudantil você amadurece. Amadurece a forma de negociação. Amadurece a forma de ouvir, você consegue ouvir mais, porque você precisa ouvir mais. Você precisa ouvir mais os estudantes, porque senão você não vai ser representante, você vai ta levando a sua opinião. Então assim, além de você conseguir ouvir mais, você consegue qualificar mais o seu, o seu, é... o seu discurso, o seu, é... a sua... como eu poderia dizer... o seu entendimento sobre alguns assuntos, porque você acaba participando de alguns espaços, você acaba participando, como representante, de diversos espaços que são importantes, você acaba tendo esse privilégio de ta ali enquanto representação, e você acaba tendo que aprender, a estudar... e isso te qualifica muito mais. Você chega lá no serviço, você consegue dar conta das situações difíceis que vão ter. Você consegue ouvir o seu coleguinha que não é tão paciente, seu coleguinha que tem problema de relacionamento e aquele coleguinha que é muito estressado, então você consegue ter isso, porque dentro do movimento estudantil você vive isso. Então você consegue amadurecer, sabe. Você consegue melhorar a forma de conduzir os processos e eu acho que isso eu tenho... não que você consegue fazer isso totalmente, não que você vire a pessoa melhor do mundo, mas você consegue ir modulando. E quando você chega no serviço, você não chega tão leigo nesses processos de trabalho, nessas situações difíceis que podem acontecer, e aí você já consegue ouvir uma crítica do seu trabalho, mas não é de você. E aí a questão política, porque eu posso chegar enquanto você ser uma representação estudantil posso chegar pra você, "Jamile, eu acho que você ta fazendo de forma errada, eu acho que você enquanto representante tinha que fazer isso, isso e isso", mas eu posso chegar e discordar totalmente do seu pensamento político enquanto representação, mas eu posso gostar bastante de você e ser sua melhor amiga, sabe? Então, no movimento estudantil você aprender a ser, a fazer isso, e aí quando você vai pra o serviço se alguém chega lá e te diz, "Poxa Camila, você não ta fazendo de uma forma certa, eu acho que seu trabalho ficaria muito melhor se você fizesse dessa outra forma", então você já consegue ouvir de uma forma melhor a crítica, sabe? E aí, a representação estudantil também serve pra isso. É um dos... eu acho que é uma das coisas muito boas, além do amadurecimento que você tem muito grande. Você conseguir... conseguir sair, sobressair de algumas situações difíceis e qualificar as melhores situações.”

7. Compreensão do que é política

“Política eu acho que esta em tudo, sabe? Política é... é você tomar uma decisão, política... existe diver... existe duas formas, e eu falo da política, mesmo, ideológica. Existe a política partidária, que eu acho que não é isso que você quer entrar. Mas assim, a política é você tomar seu posicionamento, é você ter... ter um... um conhecimento daquilo e você disser não, isso que eu quero, isso que é o certo, isso que é o errado. É... e o tempo todo você estar convivendo com políticas, desde quando você começa a tomar decisões de sua vida, isso é um ser... você é um ser político, tempo todo você estar sujeito a tomar posicionamentos, você estar sujeito a ter... que ter uma posição sobre aquela questão. Eu acho que, resumidamente, muito resumidamente, política é isso, sabe. Muito resumidamente é isso aí.”



Quarta Entrevista

1. Participação em grupos sociais organizados

1.1. Anteriores ao ingresso no CGSC

“Participei em movimentos de bairro, especificamente em associação na comunidade onde moro. Não tenho filiação a nenhum partido político, mais já participei muito de reuniões do Partido Comunista Brasileiro e da União de Juventude Socialista.”

1.2. Durante a permanência no CGSC:

“Centro acadêmico (estudante), assembleias de deliberação estudantil, Comissão de organização do Encontro Nacional de Estudantes (representante estudantil), Carreira e Profissionalização, Grupo de Estudo sobre a graduação em Saúde Coletiva.”

“Nos espaços supracitados pude vivenciar o processo de definição de pautas importantes na graduação, a exemplo, de eleição de representantes, proposição de posicionamentos políticos para momentos decisivos dentro dos processos de decisão dentro e fora da graduação, elaboração e concretização de ações para fomentar a participação de estudantes no encontro nacional, organização de ciclos de debates sobre temas de interesse para a graduação, com convidados da universidade e dos diferentes movimentos sociais de Salvador, participação da construção de monções de apoio a graduação em encontros, proposição de caminhos para construção do campo profissional dos bacharéis em saúde coletiva, entre outros.”

2. Principais temáticas debatidas, lutas mais importantes, avanços e impasses ao longo do CGSC.

“Destaco como principais temáticas: organização estudantil, formação política dos representantes estudantis e dos estudantes da graduação, mobilização estudantil, divulgação da graduação, participação de movimentos sociais fora da universidade, fortalecimento do movimento da reforma sanitária brasileira e do Sistema Único de Saúde, carreira e profissionalização.”

“Identifico como principais bandeiras: a saúde coletiva e os coletivos sociais, a divulgação e o fortalecimento do curso, a politização estudantil, a união, a reforma sanitária brasileira e o SUS, abaixo as políticas neoliberais, a parceria público-privado e a hegemonia biomédica, a favor das minorias sociais e a equidade.”

“Como principais avanços, destaco: a renovação estudantil nos espaços de representação, o envolvimento dos estudantes nos espaços de construção coletiva dentro e fora da universidade, a visibilidade e a repercussão do curso em alguns espaços no serviço público.”

“Dentre os impasses destaco: a participação ativa tímida dos estudantes que estão entrando na graduação, a vivência em alguns espaços de discussão e o desgaste de processos de construção, em virtude da disputa de poder e desentendimento entre estudantes para definição de pautas de interesse do coletivo.”

3. Análise da participação estudantil no CGSC

“Vejo a participação ainda tímida dos novos estudantes que estão chegando e percebo também o amadurecimento e o crescimento dos que estão na organização estudantil. Analiso também a necessidade de uma compreensão mais ampliada sobre o que é política, não me refiro a política partidária, mais aos processos sociais como um todo e a necessidade de organização, consensos, ideais, princípios e objetivos consolidados, fortes e firmes. Percebo que também precisamos ter um cuidado maior com os novos alunos, precisamos “gastar” mais energia com a mobilização e formação dos mesmos.”



“Por alguns anos tínhamos uma mesma representação estudantil em diferentes espaços, mais no início éramos poucos e nem todos tinham tempo livre para participação, pois somos um curso noturno, onde grande maioria precisa trabalhar. Posteriormente com a oferta de vagas para bolsas de estágio em pesquisa e em diferentes instituições foi possível ter mais tempo para participação nos espaços da universidade e conseqüentemente no movimento estudantil.”

4. Incentivo que o CGSC oferece para participação política estudantil

“Como disse anteriormente, percebo que precisamos incentivar mais a participação política estudantil, inclusive com a proposição de ações e construção de espaços de formação política. Mesmos com as dificuldades, buscamos envolver os estudantes, principalmente os que estão chegando, em todos os espaços de construção e divulgação do curso e seus projetos definidos conjuntamente. No entanto, ainda percebo que é preciso organizar, fortalecer e qualificar ainda mais essa ação.”

“Identifico o movimento estudantil como um possível degrau para formação e experiência política que pode desdobrar na construção, consolidação dos partidos e de figuras para representar o povo. A relação que percebo do movimento estudantil com os partidos é identificada na organização, na definição de “bandeiras” de luta, na construção de um discurso único e coletivo, o uso da metodologia de trabalho horizontal, planejamento das ações, definição de princípios, diretrizes e objetivos coletivos.”

5. Importância da participação em movimentos estudantis

“Primeiro exercita a participação ativa, fortalece a vocalização das causas de um grupo, possibilita definir conjuntamente, sugerir, defender ou derrubar propostas, debater ideias e construir caminhos para o coletivo.”

6. Impactos da participação na prática profissional em Saúde Coletiva

“Primeiramente, percebo que a participação fortalece a defesa de uma causa, possibilita a construção de uma identidade de grupo, contribui para compreender que estaremos a todo tempo numa arena, junto a atores políticos e precisamos saber o que queremos, como queremos e por que queremos. Percebo minha trajetória no movimento social e estudantil contribuir na minha atuação profissional, mantendo fortalecida e latente a concepção de que minha inserção em qualquer que seja o órgão, ou setor é para lutar junto a outros atores que reconheço como parceiros, com mesmos princípios e ideais, por uma causa maior e coletiva.”

7. Compreensão do que é política

“Para mim política é organização, negociação, consensos, defesa de ideais e princípios é também poder legitimado, a construção de caminhos para a objetivação de uma missão, de metas e objetivos para fins coletivos.”



Identidade profissional dos discentes e egressos do curso de graduação de Saúde Coletiva

A Saúde Coletiva pode ser entendida como um campo científico formado por distintos conhecimentos e saberes dirigidos ao objeto “saúde” e como âmbito de práticas operadas por diferentes agentes dentro e fora do chamado “setor saúde” (Paim e Almeida Filho, 2000). Ao tomar a saúde coletiva como um “campo”, a definição aqui assumida nos lembra que ela não se define unicamente pelas suas fronteiras burocrático-institucionais, mas, seguindo uma linha bourdiesiana, também se define por disputas por recursos e posições entre seus agentes. Ao adjetivá-la como campo “científico”, constituído por diferentes saberes, essa definição ressalta que a legitimidade das perspectivas e agentes desse campo passa pelo discurso/saber científico. Quando lembramos que há diferentes saberes fundamentalmente operados pela saúde coletiva, em particular a epidemiologia, a planificação/administração e as ciências sociais, ressalta-se seu caráter interdisciplinar. Finalmente, ao tomar a saúde coletiva como âmbito de práticas do setor saúde e para além dele, ressalta-se ainda mais a complexidade das dinâmicas que compõem esse campo, considerando a atuação de agentes de distintas naturezas (institucionais ou não). Portanto, o âmbito de práticas a que se refere tal definição, não se restringe a um conjunto de procedimentos ou “atos” juridicamente delimitados que delimitam uma atuação profissional específica.

Essas observações apontam para questões e situações com grandes implicações para a formação de identidades próprias a esse campo científico e âmbito de práticas. Diferentemente da medicina – que historicamente esforçou-se para construir e consolidar uma identidade profissional, baseada na definição de um corpo exotérico de conhecimentos e no monopólio da regulação do ensino e da prática profissional – a saúde coletiva se define na relação entre distintos saberes e agentes (ou pelo menos reivindica essa identidade). Ainda que existam diferentes perspectivas sobre o que vem a se constituir a saúde coletiva, assumimos que essa última ideia é bastante presente na sua caracterização.

Recentemente, vivenciamos a abertura da graduação em saúde coletiva no Brasil, gerando interesse científico na análise de seu processo de implementação (Belisário et al., 2013) e na definição do perfil de seus alunos (Castellanos et al, 2013). Trata-se de um marco na consolidação do processo de institucionalização das práticas de ensino constitutivas desse campo.



Dentre as justificativas para a criação do CGSC destaca-se a sua contribuição para a consolidação da reforma sanitária e do Sistema Único de Saúde (SUS). Nesse sentido, espera-se que seus egressos atuem, a partir dos saberes e valores constitutivos da saúde coletiva, tanto no “setor saúde” quanto a partir de outros setores. No setor saúde, há uma clara priorização do SUS. No entanto, a inserção profissional dos egressos desse curso poderá se dar para além desse setor público, envolvendo o setor privado – mais especificamente, a saúde suplementar e o “terceiro setor”.

Se a identidade da formação pós-graduada (PG) está fortemente marcada pelo caráter científico do campo da saúde coletiva, a identidade da graduação está mais fortemente marcada pela delimitação do âmbito de práticas profissionais da saúde coletiva. Evidentemente, não se procura aqui cristalizar a ideia de que a PG esteja constituída unicamente de práticas científicas e de que estas não mantenham relação com a formação graduada. Procura-se apenas realçar alguns elementos que tradicionalmente participam das identidades constituídas em relação à pós-graduação e à graduação no campo do ensino, em geral.

Portanto, podemos considerar que o surgimento da graduação em saúde coletiva deve fornecer novos elementos para a formação identitária dos agentes da saúde coletiva. Ou pelo menos gerar novos balanceamentos (e tensionamentos) na maneira como as noções de “campo” e de “âmbito de práticas” são acionadas pelos agentes para identificar a área e identificar-se a partir dela.

Acreditamos que essas possíveis mudanças devem atingir as estratégias de acionamentos identitários assumidas tanto por egressos da graduação em SC quanto por agentes que não se formaram nesses cursos, ainda que com diferenças. Para Bosi e Paim (2009, 2010), essa graduação deve colaborar para a consolidação de uma identidade profissional mais claramente definida no campo da SC, presente de modo precoce e significativo nas experiências sociais presentes na trajetória formativa e profissional de seus alunos e/ou egressos.

São necessários jovens profissionais em início de carreira, que demarcarão suas trajetórias delineando sua identidade na experiência de ser um sujeito-agente da Saúde Coletiva, sem se submeter a uma “regraduação” ou “desconstrução” ao ingressar com suas formações de origem no campo da Saúde Coletiva, em nível da pós-graduação. Talvez a isso se vincule a



nebulosidade observada no que concerne à identidade do campo e dos próprios atores, pós-graduandos, advindos das mais diversas formações da saúde, grosso modo pautadas em núcleos de saberes distantes ou mesmo conflitantes com aqueles que norteiam a identidade profissional da Saúde Coletiva. (Bosi, Paim, 2010, p.2033)

Porém, Coutinho, Krawulski, Soares (2007) afirmam que a sociedade contemporânea é marcada, dentre outros elementos, pela noção de incerteza, pela transitoriedade e por transformações no mundo do trabalho que afetam as experiências sociais no contexto “pós-moderno” ou da “modernidade tardia”, conformando novos “modos de ser” e de se situar no mundo. Nesse sentido, o efeito estabilizador da identidade profissional estaria fragilizado no contexto contemporâneo. Fragilizado não quer dizer anulado. Para os autores, as pessoas continuam a buscar (ainda que a partir de novas estratégias) pontos de estabilização de suas identidades, sendo o trabalho um contexto acionado em tais estratégias. Nesse sentido, fica reforçada a ideia de que a identidade deve ser construída e reconstruída ao longo do tempo em contextos de incertezas adequando-se como algo dinâmico, múltiplo e coletivo no qual as funções vão sendo delineadas e redelineadas ao longo do tempo de acordo com os contextos sociais.

Na contemporaneidade, portanto, estão presentes as dimensões da mudança e da continuidade, requerendo dos sujeitos que se identifiquem, a cada momento, com algo novo, e reconheçam em suas trajetórias uma dimensão temporal, integrando passado, presente e futuro, no mundo laboral. (Coutinho, Krawulski, Soares, 2007: 35)

Ao analisarem a produção científica sobre a identidade de atores da Saúde Coletiva no Brasil, entre 1990 e 2011, Silva e Pinto (2013) concluem que “a identidade profissional nessa área é frequentemente confundida com fundamentos das demais categorias profissionais, configurando-se em uma identidade ‘híbrida’, que não se ancora a um corpo básico de elementos capazes de conferir uma identidade específica na Saúde Coletiva” (Silva e Pinto, 2013, p. 557-558). Nesse sentido, para os autores, a identidade profissional da área gira em torno de convergências relativas a um conjunto de valores, mais do que a um corpo de conhecimentos. Essa situação identificada pelos autores aponta para a diversidade de formações identitárias em diferentes trajetórias inscritas no campo da saúde coletiva.



Dentre outros autores, Dubar (1998) tem se destacado no debate atual sobre o conceito de identidade, sendo utilizado e/ou discutido por diversos autores que empregam tal conceito para na análise dos contextos do ensino/formação profissional e do trabalho (Alves, Alves e Chaves, 2012; Beck, e Young, 2008, Oliveira, 2011; Santos, 2005) e em especial no campo da saúde (Banduk, Ruiz-Moreno e Batista, 2009; Batista e Gonçalves, 2011).

Para Dubar (1998), as ciências sociais procurou explorar duas linhas tradicionais e opostas de análise da identidade. Uma primeira, interessada na elaboração da identidade “pessoal” e que envereda pelas construções subjetivas relacionadas a tal elaboração. Essa linha, no entanto, pressupõe uma identidade una inscrita em cada indivíduo, como uma essência substantiva a ser modelada pela experiência. Quando radicalizada ou vulgarizada, essa linha conduz a uma tomada da identidade seja “psicologizante”, seja “essencialista”. Uma segunda, interessada na construção da identidade “social”, ou seja, nas formas de reconhecimento das identidades, sejam elas pessoais/biográficas ou não. Essa segunda linha critica a ideia de que a identidade diga respeito a uma matéria/essência a ser moldada ou modificada ao longo do tempo e da experiência. Pelo contrário, ela afirma que a identidade é conformada por instâncias de reconhecimento social. O argumento “relativista” foi radicalizado por Bourdieu (1987), por exemplo, ao chamar a atenção para o caráter “ilusório” da identidade biográfica.

Dubar (1998) chama a atenção que é a própria concepção de “social” que está em jogo entre as duas perspectivas. Entre essas duas posições, há várias outras tomadas da identidade. Não pretendemos repertoriá-las. Porém, para localizar nossa posição, consideraremos a identidade:

“no sentido particular de articulação de um tipo de espaço significativo de investimento de si com uma forma de temporalidade considerada como estruturante em seu ciclo de vida” (Dubar, 1998)

Essa “temporalidade estruturante” remete aos “quadros sociais de identificação”, ou seja, às formas de reconhecimento social da identidade. Desse modo, o processo de elaboração identitária pressupõe uma posição ativa dos sujeitos em seus contextos de interação e uma postura reflexiva sobre si mesmo (*self reflexivo*), mas também incorpora elementos e é delimitada por contextos sociais mais amplos. Portanto, a ideia de que toda identidade é situacionalmente definida se refere tanto aos contextos de interação social,



quanto aos contextos sociais mais amplos significativos na “definição de situação” (Goffman, 2012).

A partir dessa posição, vemos que a graduação em saúde coletiva (GSC) pode ser tomada como uma situação particular que, provavelmente, ganha diferentes significados nos contextos (familiar, do curso, do trabalho, etc) de interação social dos sujeitos que a constituem. Desse modo, supomos que a GSC ganha diferentes contornos identitários nas perspectivas assumidas por tais sujeitos, assim como afetam de modo heterogêneo suas identidades. Também, partimos do pressuposto de que tais identidades (e processos de identificação!) incorporam e ressignificam elementos dos contextos sociais mais amplos – por exemplo, do mundo do trabalho, das classes sociais, das relações de gênero, etc.

Diante de tais questões e pressupostos, torna-se relevante identificar o processo de identificação dos alunos e egressos do Curso de Graduação em Saúde Coletiva (UFBA/ISC, 2008) com essa formação e atuação profissional.

Resultados: Identidade profissional

Ao levarmos em consideração que apenas 22,3% dos alunos entrevistados escolheu o CGSC como primeira opção (Tabela 4), percebemos que não há uma forte identificação com essa formação graduada, anterior ao ingresso ou contato com o curso. Dentre os alunos que afirmaram ter como primeira opção outros cursos, mais de 90% declarou preferência por cursos da área de saúde, com forte predominância dos mais tradicionais, sendo que apenas 8,5% declarou preferência por outras áreas (Tabela 4). Essa situação sugere que a entrada no CGSC seja valorizada inicialmente por seus alunos como uma oportunidade de acesso à uma formação na grande área da saúde, muito mais do que como uma formação especializada em SC. Essa ideia fica contrabalançada pelo fato de quase metade dos entrevistados declarar ter feito ou estar completando graduação anterior especialização iniciada anteriormente à entrada no curso, uma vez que a maior parte desses casos se inscreve na área da saúde.

Quando perguntados livremente sobre os motivos para ingressar no CGSC, mais da metade afirmou ter se identificado com a profissão, sendo que apenas 11,7% declarou oportunidade de seguir o curso à noite e pouquíssimos afirmaram facilidade de ingresso em curso superior (Tabela 3). Esse dado entra em conflito com aquele sobre primeira opção,



anteriormente discutida. Porém, ele reflete uma aproximação com o CGSC, iniciada com a descoberta da existência desse curso, ainda no momento do processo seletivo para seu ingresso e continuada após tal ingresso. Essa interpretação fica reforçada quando levamos em consideração que dois terços (79,7%) dos alunos declararam que o seu interesse no CGSC aumentou ao longo de sua experiência nesse curso e que para apenas 6,3% esse interesse diminuiu. Esses dados sugerem a existência de um processo de identificação com essa formação.

Apenas 5,3% dos alunos declarou não ter área de preferência no curso. Agruparam-se as preferências declaradas pelo restante, nas seguintes categorias: Ciências sociais em saúde; Política e/ou Planejamento e/ou Gestão e/ou Avaliação em Saúde; Promoção e/ou prevenção da Saúde; Vigilância em Saúde; Educação e Comunicação em saúde; Programas específicos da saúde; Duas ou mais áreas referidas; Desconhece ou não sabe; e Outros. Dentre as respostas, houve clara preferência pela Política e/ou Planejamento e/ou Gestão e/ou Avaliação em Saúde, com 30,8%; seguida da Vigilância em Saúde e da Epidemiologia e Informação, com 15,9% cada; sendo que 17% declararam duas ou mais áreas de interesse (Tabela 6). A quase totalidade dos entrevistados (95,7%) declarou que pretende complementar formação, após término do CGSC, para atuar profissionalmente na área de SC. Esses dados sugerem que o CGSC provoca um processo de identificação profissional com a SC, dentre seus alunos e egressos, ainda que esse processo precise ser mais bem compreendido.

Tabela 6. Preferência por áreas da Saúde Coletiva no CGSC. Salvador, 2013

Áreas da Saúde Coletiva	N	%
Ciências sociais em saúde	4	4,3
Epidemiologia e/ou Informação em saúde	15	16,0
Política e/ou Planejamento e/ou Gestão e/ou Avaliação em Saúde	29	30,9
Promoção e/ou prevenção da Saúde	2	2,1
Vigilância em Saúde	15	16,0
Educação e Comunicação em saúde	2	2,1
Programas específicos da saúde	4	4,3
Duas ou mais áreas	16	17,0
Desconhece	5	5,3
Outros	2	2,1



Perfil do graduando em Saúde Coletiva e o mercado de trabalho em saúde

Ao se buscar dados sobre o mercado de trabalho na produção científica da Saúde Coletiva, a revisão sistemática das duas últimas décadas realizada por Pinto *et al* (2013) sinaliza a escassez da literatura sobre este assunto, visto que, a maior parte dos trabalhos encontrados restringe o debate da temática ao tópico da gestão dos recursos humanos em saúde, isto é, a administração das funções dos profissionais de saúde no processo de trabalho e nas ações de atenção a saúde.

Investigando os referenciais teóricos sobre o mercado de trabalho e o processo de inserção profissional, a abordagem econômica traz suas contribuições ao conceituar o campo utilizando a teoria da segmentação no mercado de trabalho. A teoria se caracteriza pelos múltiplos mercados de trabalho que se formam a partir da diversidade de atividades profissionais, podendo haver abundância de demanda em alguns segmentos e setores e falta em outros. Além da profissão, a localização geográfica dos empregos e da mão de obra, os graus de qualificação exigidos, as delimitações etárias multiplicam o número de mercados de trabalhos que se justapõem (Piccinini e Oliveira, 2011).

Outro ponto importante destacado nessa teoria é que o capital humano é remunerado de formas diferentes, visto que, existem barreiras que não permitem que todos se beneficiem igualmente do mesmo nível de educação e treinamento (Piccinini e Oliveira, 2011). Bourdieu também aponta algumas idéias referentes ao mercado de trabalho, descrevendo como campo de forças onde se desenvolvem as relações entre os agentes, o qual passa a ser também um campo de lutas, um espaço de ação socialmente construído onde os agentes dotados de recursos diferentes (econômicos, tecnológicos, sociais etc.) se confrontam para confirmar as trocas e conservar ou transformar a relação de força vigente, as relações de poder nessa estrutura de campo, como também o *Habitus* (Bourdieu, 2001).

Outro aspecto relevante a ser analisado, trazendo o debate para o contexto político da reforma do Estado, diz respeito às transformações pela qual vem passando os recursos humanos em saúde em sua relação com as instituições prestadoras de serviço de saúde. Tais transformações se caracterizam especialmente por um processo de desregulamentação, verificado, sobretudo, pela substituição do emprego formal e assalariado por diversas outras modalidades de vinculação dos profissionais aos serviços



(Varella e Pierantoni, 2008). É consensual que a implementação do SUS foi o grande propulsor deste mercado, tanto pela expansão da rede pública, em especial na esfera municipal, quanto da rede privada contratada, que indubitavelmente gerou novos postos de trabalho (Dedecca, 2004). Contudo, em virtude do campo da saúde ter se tornado o principal incorporador da força de trabalho, é necessário se debruçar com cautela e dimensionar as tensões postas neste campo, isto por pressupor que a saúde assume características de um bem comercializável, em uma lógica mercadológica.

O mercado de trabalho no campo da Saúde Coletiva não diverge da lógica de funcionamento de outros setores. Assim sendo, a formação desses sujeitos sofre influência dos interesses do capital que é fortalecido pela ausência do Estado na regulação do trabalho em saúde.

Desse modo, o mercado de trabalho para os agentes da SC não seria algo dado a priori, mas o resultado sempre dinâmico da correlação de forças políticas e ideológicas que investem em projetos do porte da RSB e do SUS (Paim e Pinto, 2013).

Ao que diz respeito às indagações acerca do lugar a ser ocupado por esses profissionais no mercado de trabalho, acredita-se ser o setor público, o SUS, um de seus principais lócus de atuação (Paim e Pinto, 2013). No entanto, ainda está posto o desafio quanto à regulamentação da profissão do Bacharel em Saúde Coletiva para poder assegurar a inserção no mercado de trabalho desses novos sanitaristas.

Resultados: Mercado de trabalho em saúde

Observou-se que a maioria dos discentes do CGSC eram estudantes-trabalhadores, uma vez que 47,9% destes tinham trabalho remunerado, atuavam no setor público (51,1%) e cumpriam jornada semanal de trabalho entre 31 e 40 horas (53,3%). A renda do discente obtida com trabalho próprio em geral foi baixa, menor que dois salários mínimos (42,2%) e apenas 6,7% dos discentes relatou renda obtida com o próprio trabalho maior que seis salários mínimos (Tabela 7).



Tabela 7. Trabalho atual e expectativas dos discentes do CGSC sobre o mercado de trabalho em Saúde Coletiva. Salvador, 2013

Variáveis	N	%
Tem trabalho remunerado	45	47,9
Horas semanais de trabalho		
≤ 20	5	11,1
21 – 30	5	11,1
31 – 40	24	53,3
41 – 50	7	15,6
51 – 60	4	8,9
Renda do discente obtida com trabalho próprio (em salários mínimos)		
< 2	19	42,2
≥ 2 e <3	12	26,7
≥ 3 e < 5	9	20,0
≥ 5 e < 6	2	4,4
≥ 6	3	6,7
Setor de trabalho		
Público	23	51,1
Privado	19	42,2
Ambos	1	2,2
Outros	2	4,4

Em geral, a expectativa dos discentes para o mercado de trabalho em Saúde Coletiva é positiva (67,0%), apresentando expectativa de remuneração salarial entre cinco e oito salários mínimos (43,6%) e entre dois e cinco salários mínimos (42,6%). O setor de trabalho de absoluto interesse foi o setor público (98,9%) e a primeira preferência de local trabalho foi a capital (53,2%), seguida de cidades do interior da Bahia (31,9%). Após a conclusão da graduação 95,7% dos discentes afirmaram que têm interesse em maior qualificação para o mercado de trabalho, sendo que 22,4% afirmaram interesse em cursar outra graduação com especialização e/ou residência e/ou mestrado, e outros 22,4% desejam fazer apenas mestrado ou doutorado (Tabela 8).



Tabela 8. Expectativas dos discentes do CGSC para o mercado de trabalho em Saúde Coletiva. Salvador, 2013

Expectativas referentes ao mercado de trabalho	N	%
Expectativa positiva após a graduação	63	67,0
Expectativa de remuneração salarial (em salários mínimos)		
Não soube responder	1	1,1
< 2	2	2,1
≥ 2 e < 5	40	42,6
≥ 5 e < 8	41	43,6
≥ 8 e < 12	5	5,3
> 12	5	5,3
Setor de interesse		
Setor público	93	98,9
ONG*	1	1,1
Preferência de local de trabalho		
Na capital	50	53,2
No interior	30	31,9
Em outro estado	13	13,8
Em outro país	1	1,1
Interesse em maior qualificação	90	95,7
Outra graduação com especialização e/ou residência e/ou mestrado	22	24,4
Mestrado e doutorado	22	24,4

*Organizações não governamentais



Resultados: Análise dos egressos 2012.2 com relação ao mercado de trabalho

Ao se investigar sobre aspectos referentes às atividades de prática, mais de 50% dos entrevistados relatou ter sofrido influência do estágio na definição de área preferencial para atuação profissional, destacando-se a área de política, planejamento e gestão, indicada por 46,7% dos entrevistados. Em relação ao setor de trabalho, todos os entrevistados afirmaram o desejo de atuar profissionalmente no setor público (SUS). Essa expectativa de atuar no SUS pode refletir a atual expansão do mercado de trabalho em saúde no setor público. Com relação às oportunidades de trabalho, a maioria dos formandos (80,0%) referiu que a sua principal estratégia para buscar sua inserção no mercado de trabalho seria a realização de concursos públicos e seleções, visto que a carreira pública oferece uma maior estabilidade profissional e governabilidade para intervir nos processos de trabalho e na estrutura institucional.

Tabela 9. Descrição das expectativas dos egressos do CGSC referente ao mercado de trabalho em Saúde Coletiva. Salvador, 2013

Expectativas referentes ao mercado de trabalho	N	%
Setor de interesse		
Setor público	15	100
Preferência de local de trabalho		
Na capital	10	66,7
No interior	3	20,0
Em outro estado	2	13,3
Estratégias para inserção profissional		
Concurso público	12	80,0
Contato direto com o empregador (gestores)	3	20,0



Considerações finais

Em geral, os principais achados deste estudo apontam para um perfil discente majoritariamente composto por jovens do sexo feminino com raça/cor autodeclarada parda ou preta. Ao considerarmos dados do perfil socioeconômico dos alunos e de seus pais, com especial atenção para o grau de escolaridade destes últimos, fica reforçada a ideia de que o ingresso em um curso superior na área da saúde provavelmente aparece como uma grande oportunidade, por vezes, nova no universo familiar. Essa situação, certamente, favorece maior nível de adesão ao curso. Porém, também, aponta para fragilidades na sustentação do vínculo com uma formação superior, uma vez que quase metade dos alunos vem de famílias do interior e muitos trabalham para se sustentar.

Ainda assim, apesar de expressivo, o percentual de alunos que cogitaram abandono foi relativamente baixo, não se considerando um percentual alto por dois motivos. Por um lado, trata-se de uma formação graduada na área da saúde, nunca antes existente no país, portanto, com baixo nível de divulgação e conhecimento por parte dos candidatos ao ingresso na educação superior. Por outro, trata-se de um curso noturno, portanto, com perfil predominante de alunos trabalhadores e com baixo apoio logístico e de infraestrutura no contexto mais amplo de uma Universidade que só recentemente possui um volume grande de alunos estudando nesse turno.

A análise dos resultados à luz da concepção do referencial teórico do CGSC permite compreender que o perfil do egresso reforça o compromisso com o SUS de modo orgânico. Logo, apesar da insegurança dos discentes relativa à prática na formação graduada, considera-se que ele seja capaz de realizar práticas de saúde destinadas a enfrentar problemas e situações de saúde-doença nos níveis nacional, regional e local, a partir de ações voltadas à: análise e monitoramento de situações de saúde; vigilância, investigação e controle de danos, riscos e determinantes sociais da saúde; promoção da saúde e da qualidade de vida; mobilização e participação dos cidadãos na saúde; planificação, gestão e avaliação em saúde; regulação, fiscalização, controle, auditoria e ouvidoria em saúde, dentre outras. Deste modo, o desenho do curso favorece a formação de sujeitos epistêmicos, públicos e avaliativos (Testa, 2007).



O fato de o mercado de trabalho em saúde apresentar-se como um setor diferenciado da economia, não o deixa livre da perversidade da criação dos exércitos de reserva que alimenta a precarização dos postos de trabalho e das condições de saúde da população. Hoje, existe uma janela política aberta para a discussão da regulação do mercado na saúde pelo Estado. Contudo, não podemos perder de vista que um sistema de saúde universal e de qualidade não se constrói apenas pela inserção de novos profissionais, mas sim, pela reorientação das políticas públicas para que vejam a saúde como um direito de cidadania.

Os achados revelam a predominância da área de Política, Planejamento e Gestão em Saúde o que demonstra coerência com as principais competências elencadas no projeto político pedagógico do curso, que por sua vez revela coerência com os princípios da Reforma Sanitária Brasileira.

Um dos nós críticos para a consolidação do SUS é a formação dos profissionais de saúde. Nesse sentido, o investimento em nível de graduação, permite a formação de sujeitos capazes de assumir os desafios de reorientação do modelo de atenção, atuando no contexto da descentralização, da participação social e da atenção em saúde, como atores e agentes de mudanças positivas nos serviços de saúde. Por conseguinte, é necessário fomentar a discussão crítica e fecunda sobre os principais avanços e contradições presentes na gestão do trabalho no âmbito do SUS.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. G.; ALVES, N.; CHAVES, M. Inserção profissional e razões de ingresso e reingresso no ensino superior: Um ponto de partida para uma temática em aberto. *Sociologia, problemas e práticas*. 2012, n.º 69, p. 99-118.

BANDUK, M.L.S.; RUIZ-MORENO, L.; BATISTA, N.A. A construção da identidade profissional na graduação do nutricionista*. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.13, n.28, p.111-20, jan./mar. 2009.

BATISTA, K. B. C.; GONÇALVES, O. S. J. Formação dos Profissionais de Saúde para o SUS: significado e cuidado. *Saúde Soc. São Paulo*, 2011, v.20, n.4, p.884-899.

BECK, J.; YOUNG, M. F. D. Investida contra as profissões e reestruturação das identidades acadêmicas e profissionais. *Cad. Pesqui.* 2008, vol.38, n.135, p. 587-609.

BELISARIO, S. A. et al. Implantação do curso de graduação em saúde coletiva: a visão dos coordenadores. *Ciênc. saúde coletiva*. 2013, vol.18, n.6, p. 1625-1634.

BOSI, M. L. M.; PAIM, J. S. Graduação em Saúde Coletiva: subsídios para um debate necessário. *Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro*, fev 2009, volume (25), p. 236-237.

BOSI, M.L.M.; PAIM, J.S. Graduação em Saúde Coletiva: limites e possibilidades como estratégia de formação profissional. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2010, vol.15, n.4, pp. 2029-2038.

Bourdieu P. *As estruturas sociais da economia*. Lisboa: Instituto Piaget. 2001.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: Amado, J and Ferreira, M.M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV. 1987; p. 183-191.

Brasil. Ministério da Saúde. Coordenação Geral de Desenvolvimento de Recursos Humanos para o SUS. *Regulação e Gestão de Recursos Humanos em Saúde na Perspectiva da Reforma do Estado*. Brasília: Ministério da Saúde. 1998.

Brasil. Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Geral da Política de Recursos Humanos. *Política de Recursos Humanos para o SUS: balanço e perspectivas*. Brasília: Ministério da Saúde. 2003.

Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **O Desenvolvimento do Sistema Único de Saúde: avanços, desafios e reafirmação dos seus princípios de diretrizes**. 1. ed., 2ª reimpr. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

CANCIAN, R. **Movimento Estudantil e Repressão Política: O ato público na Universidade Católica de São Paulo (1977) e o destino de uma geração de estudantes**. 2008. 295 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2008.



CASTELLANOS, M. E. P. et al. Estudantes de graduação em saúde coletiva: perfil sociodemográfico e motivações. *Ciênc. saúde coletiva*. 2013, vol.18, n.6, p. 1657-1666.

COUTINHO, M. C.; KRAWULSKI, E.; SOARES, D. H. P. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *Psicol. Soc.* 2007, vol.19, p. 29-37.

Dedecca, AC. Tempo, trabalho e gênero, *Revista de Economia Política*, São Paulo.
DUBAR, C. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educ. Soc.* Campinas, 1998, vol.19, n.62, pp. 13-30. 2004.

GOFFMAN, Erving. Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Editora Vozes. 2012.

HORA, Dinair Leal da; ERTHAL, Regina Maria de Carvalho; SOUZA, Claudia Teresa Vieira de; HORA, Eloísa Leal da. Propostas inovadoras na formação do profissional para o Sistema Único de Saúde. *Trab. educ. saúde*. 2013, vol.11, n.3, pp. 471-486

Koifman L, Gomes LN. A Graduação em Saúde Coletiva: um Debate ou uma Realidade?, *Revista Brasileira de Educação Médica*, volume (32), 417-418. 2008.

Lüdke M, André, MED, A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU. 1986.

Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 5.ed. São Paulo: Hucitec-ABRASCO. 1998.

Negri B, Viana ALD (org). O Sistema Único de Saúde em dez anos de desafios. São Paulo: Sobravime/Cealag. 2002

Olabuénaga JIR, Ispiuza M. La descodificación de la vida cotidiana: métodos de investigación cualitativa. Bilbao: Universidade de Deusto. 1989.

Oliveira SR, Piccinini VC. Mercado de trabalho: múltiplos (des)entendimentos. *Revista de Administração Pública*, volume (45), n.5, 1517-1538. 2011.

OLIVEIRA, P. W. S. Construção de identidades profissionais: da formação profissional à vivência da inserção no mercado de trabalho. *Revista Labor*, 2011, nº6, v.1.

Paim JS. O objeto e a prática da Saúde Coletiva: o campo demanda um novo profissional, *Desafios para a Saúde Coletiva no século XXI*. Salvador: EDUFBA. 2006.

PAIM JS, Pinto ICM. Graduação em Saúde Coletiva: conquistas e passos para além do sanitarismo. *Tempus Actas de Saúde Coletiva*, volume (7), n.3, 13-35. 2013.

PAIM, J. S. O objeto e a prática da Saúde Coletiva: o campo demanda um novo profissional? *ISC/UFBA*, setembro de 2002, 14 p



PAIM, J.S. e ALMEIDA FILHO, N. de A crise da Saúde Pública e a utopia da Saúde Coletiva. Casa da Qualidade Editora, Salvador, 2000.

Pinto ICM, et al. Trabalho e educação em saúde no Brasil: tendências da produção científica entre 1990-2010. *Ciência e Saúde Coletiva*, volume (18), n.6, 1525-1534. 2013.

SANTOS, C. A Construção Social do Conceito de Identidade Profissional. *Interações*. 2005, n. 8. p. 123-144.

SILVA, José Paulo Vicente da; TAVARES, Cláudia Mara de Melo. Integralidade: dispositivo para a formação crítica de profissionais de saúde. *Trab. educ. saúde*. 2004, vol.2, n.2, pp. 271-286.

SILVA, V. O.; PINTO, I. C. M. Construção da identidade dos atores da Saúde Coletiva no Brasil: uma revisão da literatura. *Interface*. Botucatu, 2013, vol.17, n.46, pp. 549-560.

Teixeira CF. Formação de recursos humanos para o SUS. Desafios na perspectiva da mudança do modelo de gestão e atenção à saúde, *Revista Saúde em Debate*, volume(41), 20-3. 1993.

Teixeira CF. Graduação em Saúde Coletiva: antecipando a formação do sanitário. *Interface*. Comunicação, Saúde, Educação, volume (7), 163-166, 2003.

TEIXEIRA, C, F.; PAIM, J. S. Conjuntura atual e perspectivas da formação de recursos humanos para o SUS. In: Seminário Nacional da Rede UNIDA, 2002, Londrina. Relatório Londrina, 2002.

TEIXEIRA, Carmen Fontes. Graduação em Saúde Coletiva: antecipando a formação do Sanitário. *Interface*. 2003, vol.7, n.13, pp. 163-166.

Testa M. Decidir em Saúde: Quem? Como? e Porquê? *Saúde Coletiva*, volume (3), 247-257. 2007.

Triviños, ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas. 1987.

UFBA/ISC. Graduação em Saúde Coletiva: pertinência e possibilidades, in Seminário e Oficina de Trabalho, Salvador. 2002.

UFBA/ISC. **Projeto curso de graduação em Saúde Coletiva**. Disponível em: <http://www.isc.ufba.br/arquivos/projeto_graduacao_saude_coletiva_ISC_UFBA_v10_21nov08.pdf>. Acesso em: 18/02/2014;

UFBA/ISC. Projeto curso de graduação em Saúde Coletiva. Disponível em: http://www.isc.ufba.br/arquivos/projeto_graduacao_saude_coletiva_ISC_UFBA_v10_21nov08.pdf 2008. 50p



Varella TC, Pierantoni CR. Mercado de trabalho: revendo conceitos e aproximando o campo da saúde. A década de 90 em destaque. *Physis*, volume (18), n. 3, 521-544, 2008.



ANEXO I



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Saúde Coletiva
Rua Basílio da Gama, s/n - Campus Universitário Canela
Cep: 40.110-040- Salvador – BA Tel: 71 3283 7407

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS ALUNOS

Prezado Aluno(a),

Estou desenvolvendo um trabalho de pesquisa com o objetivo de descrever O Perfil dos alunos egressos do curso de Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (CGSC), com o objetivo de avaliar o Perfil dos Alunos e realizar o monitoramento da Inserção Profissional de Egressos do Curso de Graduação em Saúde Coletiva – ISC/UFBA Para tanto, serão aplicados questionários estruturados, semi-estruturados e realização de grupo focal. A realização do presente estudo será importante para a obtenção de dados que permitam identificar expectativas dos alunos do CGSC em relação à inserção profissional, em um momento inicial da implementação desse Curso.

Peço que, de maneira voluntária, colabore participe desta pesquisa. A participação na pesquisa não envolve riscos à saúde dos entrevistados. A qualquer momento, os entrevistados podem retirar seu consentimento de participação na pesquisa. Comprometo-me a preservar o anonimato dos participantes e zelar pela confiabilidade dos dados, garantindo assim os princípios éticos atentados para a resolução 196/96 da Lei de Diretrizes e Normas Regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos. A autora compromete-se em preservar o sigilo das informações, demonstrando benefício da pesquisa e comunicar o resultado do estudo.

Diante das informações acima, eu _____, declaro participar, voluntariamente, desta pesquisa. Fui informado detalhadamente sobre a natureza do estudo e de que a qualquer momento posso recusar-me a continuar a pesquisa. Declaro saber que as informações prestadas são sigilosas, que minha identidade será preservada e que os resultados serão divulgados para fins acadêmicos.

Salvador, ____ de _____ de 2013.

Sheila Maria Alvim de Matos
(Pesquisadora)



ANEXO II



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA - ISC



INSTRUMENTO DE PESQUISA

ENTREVISTA ESTRUTURADA COM OS ALUNOS DE GRADUAÇÃO

PROJETO: Perfil dos Alunos e Monitoramento da Inserção Profissional de Egressos do
Curso de Graduação em Saúde Coletiva – ISC/UFBA

QUEST. N.: _____

I. CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS

1. Qual o período que está cursando?

- () 1º Período () 2º Período () 3º Período () 4º Período
() 5º Período () 6º Período () 7º Período () 8º Período

2. qual o seu Sexo?

- () masculino () feminino

3. Qual a data de nascimento? ____/____/____

4 - Qual sua cor ou raça?

- () Branca () Preta () Amarela () Parda () Indígena

5. Qual a sua naturalidade?

Cidade: _____ UF _____

6. Qual o seu estado civil?

- () solteiro () casado () mora com companheiro/a () divorciado/separado ()
viúvo

7. Em que Município você morava antes de iniciar o curso?

Município: _____ UF _____

8. Onde você mora atualmente?

- () SSA () Região metropolitana de SSA () Outro lugar

9. Com quem você mora?

- () com pais e/ou irmãos () com cônjuge /companheiro/a
() com outros parentes () sozinho



RELATÓRIO TÉCNICO

- com amigos e/ou colegas em pensionato
 em residência universitária outros

10. Além de você quantas pessoas moram no seu domicílio?

Nº: _____ NSA

11. No seu domicílio existe:

11.1 - rádio (inclusive integrado a outro tipo de aparelho)?

- sim - não Quant: _____

11.2 - televisão?

- sim - não Quant: _____

11.3 – geladeira?

- sim - não Quant: _____

11.4 – máquina de lavar roupa (não considere tanquinho)?

- sim - não Quant: _____

11.5 – telefone celular?

- sim - não Quant: _____

11.6 – telefone fixo?

- sim - não Quant: _____

11.7 – motocicleta?

- sim - não Quant: _____

11.8 – Computador com acesso à internet?

- sim - não Quant: _____

11.9 – Computador sem acesso à internet?

- sim - não Quant: _____

11.10 - automóvel?

- sim - não Quant: _____

12. Onde você habitualmente acessa a internet quando precisa? (pode marcar mais de uma resposta, se necessário)

na sua residência na instituição de estudo no local de trabalho
 em lan houses espaços públicos pelo celular outros

13. Qual uso você faz da internet? (pode marcar mais de uma resposta, se necessário)

Lazer Trabalho Pesquisa, estudo Ficar Informado Jogar
 Outros

14. Para assistir aula no Instituto de Saúde Coletiva você se desloca de qual lugar?

Residência Trabalho



15. Qual é o tempo habitual gasto com o deslocamento até o Instituto de Saúde Coletiva-ISC?

- até 05 minutos - de 06 a 30 minutos - de 31 a 60 minutos
 - de 61 a 120 minutos - mais de 120 minutos

16. Como você avalia o seu desenvolvimento com os seguintes idiomas?

- Inglês
 Ler, fala e entende bem Ler e fala com dificuldade Só ler
 Não ler, não fala, não entende

- Espanhol
 Ler, fala e entende bem Ler e fala com dificuldade Só ler
 Não ler, não fala, não entende

- Outro Qual? _____
 Ler, fala e entende bem Ler e fala com dificuldade Só ler
 Não ler, não fala, não entende.

17. Onde você cursou o ensino médio?

- escola pública escola privada ambas (pública e privada)

18. Qual a renda média mensal da sua família atualmente (somatório de todas as rendas)?

- menor de R\$ 678 R\$ 678 a R\$ 1.356 R\$ 1.357 a R\$ 2.034
 R\$ 2.035 a R\$ 3.390 R\$ 3.391 a R\$ 4.068 mais de R\$ 4.068

19. Você exerce algum trabalho remunerado atualmente?

- sim não às vezes

19.1 Qual a sua ocupação?

20. Qual a sua carga horária semanal de trabalho?

21. Faixa salarial

- menor de R\$ 678 R\$ 678 a R\$ 1.356 R\$ 1.357 a R\$ 2.034
 R\$ 2.035 a R\$ 3.390 R\$ 3.391 a R\$ 4.068 mais de R\$ 4.068

22. Em que setor realiza esse trabalho?

- setor público setor privado ambos sindicato
 associações ONGs outro(s) NSA

23. Você está envolvido com:

- Estágio atividade de extensão ou pesquisa ambas nenhuma

23.1 Se sim, onde:



RELATÓRIO TÉCNICO

SMS/SSA SESAB ISC

Outro. Qual? _____

23.2 Essa atividade é Com remuneração?

sim não NSA

24. Você contribui com a renda de sua família?

sim não às vezes

25. Quantas pessoas em casa dependem do seu rendimento?

1 2 3 ou mais NSA

26. Você realiza algum trabalho não remunerado e/ou voluntário?

Sim Não

26.1 Se sim. Onde?

setor público setor privado ambos sindicato
 associações ONGs Estágio Atividade de extensão
 Grupo de pesquisa outro(s) NSA

27. Qual a sua carga horária semanal de trabalho não remunerado e/ou voluntário?

28. Qual a origem dos seus pais?

28.1 Mãe capital interior UF _____ outro país

28.2 Pai capital interior UF _____ outro país

29. Qual a ocupação do seu pai?

30. Qual a ocupação da sua mãe?

31. Qual o nível de escolaridade dos seus pais?

31.1 Pai: 1º grau incompleto 1º grau completo
 2º grau incompleto 2º grau completo
 3º grau incompleto 3º grau completo
 não se aplica-analfabeto

31.2 Mãe: 1º grau incompleto 1º grau completo
 2º grau incompleto 2º grau completo
 3º grau incompleto 3º grau completo
 não se aplica-analfabeto



II. SOBRE A TRAJETÓRIA POLÍTICA.

32. Você já se envolveu/participou de algum movimento político ou social? (Se a resposta for “Não”, Pular para o bloco III)

sim não

32.1 SE SIM, QUAL (ais)?

- Diretórios/ Centros Acadêmicos Movimento Estudantil
 Partidos políticos A qual partido político? _____
 Colegiado de curso Congregação de unidade acadêmica
 Associações de bairro Conselho de Saúde
 outro Qual? _____

33. Há quanto tempo participa de movimentos políticos ou sociais?

menos de 1 ano de 1 a 2 anos de 2 a 3 anos mais de 3 anos

34. Sua entrada no CGSC contribuiu para o seu envolvimento/participação nesses movimentos políticos/Sociais?

sim não

35. Com qual idade começou a votar?

III. SOBRE A ESCOLHA DO CURSO (RAZÕES, INFLUÊNCIAS, EXPECTATIVAS)

36. Como soube da existência do CGSC?

- Manual do vestibular da UFBA Internet Amigos e/ou familiares
 Escola de origem Contato com disciplinas de outra graduação
 Outros. Qual? _____

37. Saúde Coletiva foi a sua primeira opção de formação acadêmica?

Sim Não

37.1 Qual foi a sua primeira opção ?

38. Se a resposta for não, por quê?

- Receio ou desconhecimento frente a um curso novo
 Falta de informações sobre mercado de trabalho
 Turno de oferta do curso (noturno)
 dificuldade de acesso a primeira opção
 Influência de familiares e/ou amigos
 outro Qual _____



39. Qual o principal motivo que o levou a fazer este curso? (NÃO ESTIMULADA)

- Identificação com a profissão (vocação, realização pessoal)
- Influência de familiares e/ou amigos
- Busca de conhecimentos (interesse científico, pesquisa)
- Mercado de trabalho (remuneração)
- Curso em período noturno na área da saúde
- Complementação de formação anterior
- Facilidade de ingresso em curso superior
- Facilidade de ingresso em curso superior da área da saúde
- Facilidade de ingresso em universidade pública
- Outro. Qual? _____

40 Desde o seu ingresso, você se dedica ao CGSC?

- Sim, tenho tempo suficiente Sim, apesar do pouco tempo
- Não, não tenho muito tempo disponível

40.1 Quantas horas semanais de estudo você dedica ao CGSC?

41. Você já completou outro curso de graduação ou pós graduação?

- sim não

41.1 Em caso afirmativo, que curso concluiu?

42. Você já iniciou e não concluiu outro curso de graduação ou pós graduação?

- sim não

42.1 Se começou e não terminou, quais os motivos?

- Condições financeiras Motivos de saúde Conciliação com o emprego
- Insatisfação com o curso Problemas familiares Acessibilidade
- Outro (NSA)

42.2 Outro. Qual? _____

43. Além deste curso de graduação na área de saúde coletiva, você é aluno regular de outro curso de graduação?

- sim não

43.1 Se sim, qual?

43.2. Porque?



44. Desde o momento do seu ingresso no curso, seu interesse na formação em saúde coletiva:

Aumentou Permaneceu igual Diminui

45. Desde o ingresso no curso, já cogitou abandonar o curso?

Sim Não

45.1 Se sim, cogitou abandonar o curso em razão de:

trabalho remunerado outra graduação desinteresse/decepção com a formação (dificuldade de aprendizado Outros.

Quais? _____

46. Você realiza/ ou já realizou algum estágio ou inserção em pesquisa desenvolvida por um Programa Integrado do ISC?

Sim Não

46.1 Se sim, qual(is)? _____

47. Você realiza/ ou já realizou algum estágio extracurricular no SUS?

Sim Não

47.1 Marque os estágios que já participou (pode-se marcar mais de uma opção)?

VER-SUS PET saúde Estágio de vivências Estágio na gestão (SMS, SESAB) Estágio na Assistência Outros.

Quais? _____

NSA

47.2 Em qual área? (pode responder mais de uma)

Política e Planejamento Vigilância Epidemiológica Vigilância Sanitária

Ciência Humanas e Sociais Avaliação em saúde Epidemiologia

Educação e comunicação

Outra _____

NSA

48. Suas experiências de estágio contribuíram para sua formação?

Pouquíssimo Pouco Muito NSA

48.1 Caso tenha participado de algum estágio remunerado, essa remuneração foi importante para aumentar sua vinculação ou dedicação ao CGSC?

Sim Não



49. Qual a área do curso com que você mais se identifica e que gostaria de trabalhar após a conclusão do curso?

50. Qual o tema da sua monografia?

51. Para você quais seriam as atribuições do sanitarista?

(Gravar Áudio)

IV. RELAÇÕES OU CONTRIBUIÇÕES DE CAMPOS DE PRÁTICA E ESTÁGIO PARA EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO A INSERÇÃO PROFISSIONAL

52. Você está realizando estágio curricular ou já realizou?

SIM NÃO (PULAR para a questão 59)

53. Os conteúdos, competências e habilidades da sua formação no CGSC corresponderam às exigências da sua função durante o estágio curricular?

Quase Nunca Raramente Algumas Vezes
 Frequentemente Quase Sempre NSA

54. Houve oportunidades de desenvolver o conteúdo da sua formação no(s) local (ais) de estágio?

Quase Nunca Raramente Algumas Vezes
 Frequentemente Quase Sempre NSA

55. Você foi estimulado a atuar e/ou intervir a partir de problematizações das situações encontradas no(s) local (ais) de estágio?

Quase Nunca Raramente Algumas Vezes
 Frequentemente Quase Sempre NSA

56. Durante as suas atividades no estágio houve a necessidade de buscar conhecimentos das ciências biológicas que não foram discutidas no CGSC?

Quase Nunca Raramente Algumas Vezes
 Frequentemente Quase Sempre NSA

56.1 Quais conhecimentos?

57. O estágio curricular influenciou as suas expectativas relativas à atuação profissional:

Muito pouco Pouco Intensamente



58. O local de escolha de estágio influenciou na escolha da área que quer atuar?

Sim Não

58.1. Qual a área que você preferencialmente pretende atuar profissionalmente?

- Monitoramento, análise e avaliação da situação de saúde;
- Vigilância, investigação e controle de determinantes sociais, riscos e danos à saúde;
- Promoção da saúde;
- Mobilização, participação e controle social em saúde;
- Desenvolvimento de políticas e capacidade institucional de planejamento e gestão pública da saúde;
- Regulação, fiscalização, controle, auditoria e ouvidoria em saúde;
- Promoção, organização e garantia do acesso universal e equitativo aos serviços e ações de saúde, especialmente de caráter coletivo;
- Gestão do trabalho e da educação em saúde;
- Promoção e garantia da qualidade dos serviços de saúde;
- Pesquisa, avaliação e incorporação tecnológica em saúde;
- Comunicação e educação em saúde;
- Planificação, gestão, monitoramento e avaliação de políticas, sistemas, programas e serviços de saúde;
- Redução do impacto de emergências e desastres em saúde e controle ambiental.

59. Qual a sua expectativa de remuneração após concluir o curso?

R\$ _____

60. Em que setor da área você gostaria de trabalhar após a conclusão do curso?

setor público ONG setor privado outro(s)

61. Onde você prefere trabalhar após a conclusão do curso?

na capital no interior Em outro estado

62. Qual a principal estratégia que você pretende adotar para otimizar oportunidades de emprego?

- Acompanhar a divulgação de concurso público e seleções
- Contato direto com o empregador, gestor e etc.
- Outros _____

63. Você tem alguma indicação para a sua inserção no mercado de trabalho?

Sim Não NSA

64. Essa indicação foi feita para trabalhar onde?

- SMS/SSA SMS – em outro município SESAB ISC
- Outro. Qual? _____



64.1 Por quem foi feita?

- Familiares Contatos em atividades de prática
 Contatos em estágios não-obrigatório Contatos no estágio obrigatório
 Outro Especifique- _____

65. Quais as suas expectativas para o mercado de trabalho?

(Gravar Áudio)

66. Pretende buscar mais alguma qualificação formação para o mercado de trabalho?

- Sim Não

66.1 Qual (is)?

- Outra graduação Especialização Residência Mestrado
 Doutorado

66.2 - Por quê?

Muito Obrigado!



ANEXO III

ROTEIRO DOS GRUPOS FOCAIS

1. **FORMAÇÃO** aproximações e afastamentos entre o curso e as práticas o âmbito da Saúde Coletiva; metodologia abordada no curso e expectativas em relação à formação no início do curso e expectativas atuais.

2. **TRABALHO** preparação para inserção no mercado de trabalho e expectativas acerca do local de trabalho e atividades

Sobre roteiro (duração de encontro de 2 horas):

1. Texto de aquecimento
2. Atividade quebra gelo com pequena interação lúdica
3. Discussão
4. Síntese dos pontos debatidos e encerramento



ANEXO IV

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM ALUNAS QUE PARTICIPARAM DE MOVIMENTOS ESTUDANTIS ENQUANTO GRADUANDAS DO CCGSC

1. De quais grupos/ fóruns estudantis participou durante sua permanência no Curso?
O que era este espaço e qual sua função? Conte-me um pouco sobre sua experiência.
2. Quais as principais temáticas debatidas neste grupo? Quais as principais “bandeiras”? Quais os avanços e impasses?
3. Como você analisa a participação estudantil no CGSC?
4. Como você analisa a questão da representatividade do movimento estudantil no Curso? Quem participava? Como se dava a escolha dos líderes?
5. Você já teve experiências de participação social em outros espaços fora do Curso, tais como em partidos políticos?
6. Como o Curso incentiva a participação política estudantil? O que deve melhorar? Existe uma relação do movimento estudantil com os partidos?
7. Por que é importante a participação em movimentos estudantis reivindicatórios?
8. Como esta participação permite diferenciar sua prática profissional em Saúde Coletiva?
9. Para concluir, para você, o que é política?